



Hoje Caminho

Og Fray

2007 © OG FRAY

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito do autor, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Criação da capa
Marcio Bertolino Motta

Diagramação
Marcio Bertolino Motta

Projeto Gráfico
Vivali Editora Ltda.
Rua Cotoxó, 843 - 05021-001 - São Paulo - SP - Brasil
Telefone: 3864-8625
E-mail: atendimento@vivali.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fray, Og
Hoje Caminho / Og Fray. -- São Paulo : Vivali, 2007.

1. Ficção brasileira I. Título.

07-7864

CDD-869.93

mantê-la a seu lado.

Hoje Caminho reflete o domínio do coração sobre a razão, sem que ele tenha procurado encontrar o equilíbrio entre os dois sentimentos .

Em 1995, Mário relata sua vida, época em que os valores individuais já são bem diferentes dos que serviram de base para sua formação interior.

3

I

Caminhava como fazia todos os dias, como fazia para fazer tudo, as compras, pagar as contas, ir ao trabalho, caminhava que é diferente de andar.

Andar adota-se um rumo e vai em frente, com destino certo, com tempo estabelecido. O tempo disponível era o suficiente para dizer bom dia ou boa tarde. Isso eu fazia quando moço.

Agora, com meus sessenta e tantos anos, caminho. Um dos motivos é o efeito da idade, porque com cinco a seis horas de sono, já estou descansado, acordo cedo e não tendo o que fazer, saio para caminhar. O corpo acostumou-se com a velocidade.

O que me cansava na juventude, era dormir com problemas a resolver, preocupações. Poderia dormir dez horas, que acordava desanimado, dependendo do problema que tinha pela frente.

Há problemas que sabemos qual será o resultado, mas temos que resolver, ganhando ou perdendo. Principalmente nas inúmeras besteiras que vamos fazendo em cada fase de nossa idade. Hoje acordo mais cedo, descansado, faço tudo que preciso com calma e vou para o trabalho, serenamente. Vou caminhando para poder reparar em tudo, nas lojas, nas vitrines, nas pessoas. Converso com o varredor de rua, observo os pássaros comendo os primeiros insetos do dia.

4

Caminho, com olhos que antes não viam os detalhes. Quanta coisa bonita deixei de ver, na correria para ganhar tempo, tempo que economizei e gastei nem sei onde.

Mas todo mundo é assim, corre, corre, sem saber aonde chegar. Sabe que vai chegar, mas não sabe onde, nem para que.

Comecei a trabalhar com pouca idade, no sitio de meus pais. Acordava cedo, saía para a roça sem que o dia ainda houvesse clareado, almoçava por volta das nove horas, às treze horas tomava café, às dezesseis horas jantava e às dezenove horas já estava na cama, moído, preparando o corpo para o dia seguinte.

Quando vim para a cidade e comecei a trabalhar na Companhia, não interessava quanto tempo faltava, em mudanças nas leis, no horário. Vestia-se a camisa da empresa, com orgulho, vontade, respeitando a hierarquia, e como ela era respeitada.

Vou para mais um dia de trabalho, a mais de quarenta anos. Embora conte com tempo para me aposentar, não quero porque é minha distração, minha ocupação. Ocupo meu cérebro com novos problemas, com pessoas diferentes.

Hoje para aposentar-se é um tal de fazer contas, usar tabelas, é por idade, é por tempo de serviço. Sei lá. Tenho a impressão de que se trabalhava por necessidade e com dedicação. Hoje se trabalha contando os dias na folhinha.

5

Vejo motorista mandando no patrão, virou, mexeu, é greve, é operação tartaruga, é catraca liberada. Naquele tempo, se houvesse operação tartaruga, no mesmo dia poderia ir ao zoológico procurar um espaço (lugar de tartaruga), porque já estava no olho da rua. Catraca liberada era só na saída do cinema.

Por pior que tivesse sido o dia no trabalho, nunca se reclamava em casa, porque o dia terminaria ainda pior ouvindo o sermão:

- A roça está lá, é somente voltar que serviço tem aos montes, precisando desse corpo mole. Amanhã bem cedo, ou volta feliz para a Companhia ou veste o sapatão e vamos para o campo.

Acordava cedo e assobiando ia para o trabalho, como se nada houvesse acontecido há cem anos atrás.

Sei que o interior de meu pai estava rindo, porque sabia a educação que havia nos dado, mesmo na sua humildade, sem estudos, fazendo o melhor que podia para manter a disciplina, a qual ele considerava a primeira regra, dentro e fora de casa. Se veio para casa aborrecido, se foi chamado a atenção, é porque fez algo de errado, então volta e conserta, com educação, com humildade.

_ Pedir desculpa não tira pedaço, nem é vergonhoso para ninguém, muito menos para qualquer um dos meus filhos.

6

7

II

Nós éramos quatro filhos, dois meninos e duas meninas. As meninas ajudavam na casa e depois iam ajudar na limpeza das verduras. Rosa com seu jeito dengoso conquistava todo mundo. Lurdes, mais recatada, foi a última a se casar porque não se arriscava em namoricos e Milton, um ano mais novo do que eu, nasceu com problemas respiratórios e isso fazia com que muitos dias ele ficasse em casa, com falta de ar, principalmente no inverno.

Nossa casa era bem simples, mas que nos matava de saudade, quando ficávamos muito tempo longe. Na cozinha, um fogão a lenha, que mantinha a comida o tempo todo aquecida. Mamãe tinha um controle perfeito de sua temperatura. Alimentava o fogo colocando as lenhas de tal forma, que conseguia regular a chama como se fosse um fogão a gás. O cinzel fornecia o material para o sabão, a fumaça defumava as carnes, o calor nos aquecia no inverno, durante o jantar.

Lá, nascemos, crescemos, aprendemos as vicissitudes da vida, que foi a base para que chegássemos aonde chegamos. Depois das conversas sobre o dia e a programação para o dia seguinte, cada um já ia se dirigindo ao quarto, porque sabia que ao amanhecer, seria outra dureza a ser enfrentada e cada par de mãos era fundamental para tudo correr bem.

8

O fato de que toda a família trabalhava no mesmo serviço, sabendo da necessidade de cada um cumprir sua tarefa, criou um laço muito forte. Lutar um pelo outro, já estava no sangue, ninguém precisava pedir, era somente olhar para entender. Milton, com o seu sofrimento ensinou-nos que é possível suportar a carga das tarefas, quando não nos acompanhava. E nesses dias, trabalhávamos rezando para que à tarde, quando retornávamos, estivesse em pé, recuperado, nos esperando sorridente. Nem sempre era assim.

Os quartos dispunham de um mini guarda-roupas para os meninos e outro para as meninas e passamos a dormir separados das meninas, quando elas cresceram, o que exigiu que papai construísse outro quarto na lateral da casa.

Enquanto pequenos, dormíamos no mesmo quarto e embora cansados, uns dias com sol castigando a pele, em outros o frio penetrando até os ossos, ainda assim encontrávamos tempo para brincadeiras, escondidas, antes de dormir, que só nós achávamos que ninguém ouviria.

_ Se vocês não pararem, vão acordar com um banho de água fria, resmungava o pai.

_ Eu estou quieta, pai. É o Mário que não nos dá sossego, gritava Rosa.

_ Mário, você que é o mais velho deveria dar o exemplo. Amanhã o arado é seu, quem sabe cansado dá sossego a seus irmãos.

9

_ Eu estava quieto pai, a Lurdes que começou, eu tentava justificar. Mas logo cedo o arado era meu.

Fomos crescendo nessa união, nessa inocência, que o contato com a terra nos transferia.

10

III

O progresso chegando à cidade provocou um modo diferente na maneira de comercialização dos produtos, fazendo com que também fôssemos para lá trabalhar. Nossos pais ficaram tocando o sítio, na medida do possível, retirando seus sustentos.

O único emprego que Milton conseguiu foi em uma gráfica, Gráfica Novo Horizonte, porque fisicamente a doença não permitiu que ele se desenvolvesse normalmente. Era franzino, de respiração forçada. O pó dos papéis, o cheiro das tintas que utilizavam, acabaram agravando ainda mais sua saúde. Mas a situação não lhe dava outra oportunidade, devido seus problemas.

Casado com Maria Rita, que sofreu junto com ele todos os problemas de sua doença. O que Milton dedicava a sua família recebia de volta, através de carinho, atenção, muitas noites sem dormir. Ela permanecia a seu lado, rezando, implorando sua melhora. Ele precisava ter sempre alguém a seu lado, pois a morte o amedrontava e suas crises eram tanto psicológicas como físicas.

Como recompensa da atenção, carinho, que recebia da mulher, amava-a muito. Morreu sabendo que Maria Rita sentia o mesmo amor intenso por ele, fazendo-lhe tudo o que fosse necessário. Mostraram ao mundo o que todos deveriam

11

praticar: amor, dedicação, verdadeiros, sem reclamar, sem saber ou sabendo que mesmo com tudo aquilo, era inútil. Depois de muito sofrer, acabou nos deixando, não sei

se para alívio de todos nós, vendo seu sofrimento, ou se para nos mostrar um exemplo de dedicação.

Deixou a família em condições estáveis, os filhos de educação exemplar, que o substituíram junto à mãe, com carinho, cuidados e atenção. Minha cunhada sempre se empenhou muito para socorrer meu irmão nas horas de desespero, porque quando ele sofria suas crises asmáticas, era assustador. Sentir-se asfixiado deve ser horrível.

Saber que o ar envolve a tudo, só não entra em seus pulmões, com uma barreira bloqueando o caminho. Muitas vezes eu comparava sua respiração com a lata que controlava a entrada de ar em nosso fogão a lenha, mantendo a chama acesa, e nele representava manter-se vivo. A lata fechou a entrada do ar, até que sua chama de vida foi se apagando. Maria Rita criou os filhos Manoel e Marco Antônio,

com muito carinho, passando a eles a imagem do pai, do qual pouco puderam aproveitar os exemplos de vida, pois nos deixara muito cedo.

Manoel, com quinze anos foi cursar colégio técnico em Curitiba e ficou empregado na própria escola. Marco Antônio cursou Direito, no Rio de Janeiro, tornou-se um juiz renomado e, com a situação estabilizada, levou a mãe Maria Rita para viver a seu lado.

12

Milton ensinou-me uma coisa que ficaria gravada para sempre: tudo se apaga, menos a lembrança da dor que a perda provoca.

Com a morte de meu irmão, meus pais já velhos e cansados, resolveram se dedicar mais aos netos, dando-lhes ajuda moral e financeira. Arrendamos toda área do sítio, deixando somente um espaço ao redor da casa para meus pais morarem, ficando parte dos rendimentos com a Lurdes, que era a irmã menos favorecida. Seu marido Caetano trabalhava de pedreiro e por mais que se esforçasse o dinheiro nunca era suficiente para as despesas obrigatórias de uma casa.

A dor foi transferida a meus pais, que também foram minguando, até nos deixarem.

Rosa casou-se e morava em Alto da Serra, cidade de porte médio, onde seu marido era funcionário de um banco, que hoje nem existe mais, depois de tantas fusões.

Depois de tantas fusões, que considero propositais, porque criou tanta confusão, que os banqueiros vivem sorrindo e a gente tentando entender onde foi parar parte de nosso dinheiro.

Se meus pais fossem vivos, não sei como iria explicar tantas mudanças, porque para eles era uma porca em troca de três galinhas, cinco pés de alface para pagar um quilo de açúcar mascavo. Imagina eles terem que fazer conversão de moedas? Tentar explicar a conversão já seria uma dificuldade,

13

imagina falar em ipc, icm e outros índices mais, que devem chegar a uns vinte. Eles simplesmente diriam:

_ Tomem conta de tudo e só se preocupem para que não falte nada a todos nós. Não temos mais idade para cursar contabilidade.

Com a Lurdes, o contato era mais constante, pois morávamos na mesma cidade. Como o tempo tem o dom de disfarçar as dores, cada um com seus problemas, acabamos nos distanciando um pouco, mas o vínculo não deixamos terminar.

O que ficou foram as lembranças de nossa infância, pobre, mas feliz, lutando todos os dias, para atingir o dia seguinte, sorrindo. E devido à luta que a vida nos impôs, é que fomos suportando as perdas dos entes queridos.

Ao perder cada um, irmão, pai, mãe, aumentava o espaço no coração, sem que nada ocupasse o vazio. O pai com sua energia e seu poder de nos dar o fundamental para se viver: honestidade, amor, dedicação, embora nunca houvesse conversado sobre esses assuntos conosco. Minha mãe, curava - nos do cansaço, com seu rosto sereno, todo marcado pelo sol do campo. Mesmo cansada, precisando manter a casa em ordem, fazer as refeições, e nas folgas ajudar na roça, ainda tinha palavras e carinho para nos dar antes de dormir. Crescemos e cada um teve que seguir seu caminho,

mas sempre estivemos de mãos dadas. Saí do sítio para

14

trabalhar na Companhia de Energia Elétrica, em 1955, com uma infinidade de sonhos e medos.

Os sonhos eram constituir família, ter uma casa própria, viver com um conforto mínimo e continuar ajudando os pais a manterem suas vidas honesta e humildemente.

Os medos eram de todos os tipos, de todas as coisas. O risco de ir para a cidade, desestruturar toda a rotina do sítio e não dar certo. Seria difícil retomar o ritmo de muitos anos. Retomar o que fazia, eu considerava pior do que iniciar. Quando iniciamos alguma coisa, vamos adaptando, aprendendo, apanhando, até chegar a um equilíbrio ideal. Recomeçar no sítio representaria uma derrota.

E muitos outros medos, alguns até fantasiados, extraídos das estórias que se ouvia dos mais velhos.

Eu, Rosa e Lurdes, pelo menos uma vez durante o ano nos reuníamos, fosse na casa de um ou do outro, mas nada impedia nosso contato. A cada encontro, embora cada vez mais velhos, mais lentos, o calor da emoção aumentava. A ansiedade de saber como cada um estava vivendo, as necessidades, as conversas se misturavam e demorava certo tempo para que um conseguisse prestar atenção ao outro, todos falavam ao mesmo tempo.

Só fomos diminuindo os encontros devido às dificuldades que a vida foi colocando em nossos dias, as doenças, os filhos, os netos. Mas até hoje, de alguma forma nos comunicamos e nada é mais importante do que nos

15

socorrermos se algum de nós não estiver bem de saúde, ou por algum motivo mais sério.

16

IV

A CEE – Companhia de Energia Elétrica estava se instalando na região serrana, ao norte de Santa Catarina, uma região ainda com pouquíssimo aproveitamento de seus recursos naturais. E, como todo grupo americano, sua filosofia era faturar, com o menor custo possível. Pouco investimento, retorno rápido e seguro.

Elaborou-se um acordo entre o governo do estado e a CEE, para a execução de todas as linhas de energia elétrica, em alta e baixa tensão, geração, distribuição, manutenção, do norte do estado, com a garantia da cobrança da energia fornecida por um período de vinte anos, passando a partir daí ao governo a exploração dos serviços.

Depois de algum tempo é que fomos verificar que a energia elétrica havia invadido todos os recantos, provocado o desenvolvimento e ninguém mais ficaria sem ela. Passou a ser utilizada nas serrarias, que aumentavam a cada dia, a safra passou a ser beneficiada no estado, através da instalação de graneleiros e depósitos.

A região das serras, adormecida em suas nevascas, pinos e ciprestes, passou a aumentar seu ritmo diário, o dinheiro a circular, as agências bancárias a aparecerem, lojas sendo montadas, encomendas de madeira e móveis eram recusadas.

17

Era o relógio passando a controlar cada vez mais os nossos dias, quando no sítio a hora era calculada observando - se a posição do sol.

A Companhia contratou todo tipo de mão de obra, desde o mateiro até o construtor de torres, que antes de iniciarem seus trabalhos, passavam por um treinamento específico, de como atuar junto aos superiores, como prestar os primeiros socorros, uma vez que a região era bastante agressiva, cabendo a ela todos os cargos de direção e engenharia.

Com o crescimento em torno da capital do estado, o desenvolvimento era voltado para as regiões que apresentavam maiores facilidades, deixando as regiões montanhosas esquecidas, porque toda melhoria na região implicava em gastos enormes. Todo trabalho na serra implicava em inúmeras dificuldades, como as florestas intocáveis, baixas temperaturas, chuvas constantes, corredeiras e riachos por toda parte, dificultando os acessos. O que não poderia deixar de ser admirado era a beleza da natureza, com suas árvores gigantescas, orquídeas e parasitas, pássaros e a pureza do ar, que em determinadas alturas parecia rarefeito.

Essas dificuldades eram barreiras para os investimentos na região, que foi ficando atrasada em relação a outros locais do estado, esquecida na saúde, educação e todas as outras infraestruturas. Todos viviam como uma enorme família, onde mais se trocava mercadorias do que se adquiria.

18

Esse fator foi ótimo para a CEE, porque ninguém sabia o quanto valia sua mão de obra, quantas horas deveria trabalhar. No sítio, o trabalho começava antes do nascer do sol e quando ele se punha, já estávamos indo dormir.

O tempo era gasto com a enxada nas mãos, o arado sulcando o solo, a manutenção da roça, o que cansava o corpo, sobrando tempo para sonhar, mas não muito, porque o próprio local não oferecia condições de se sonhar alto. Muitas vezes uma geada ou uma chuva forte, destruía o trabalho de dois, três meses.

O que a CEE oferecia era a oportunidade de darmos o primeiro passo de encontro aos sonhos e daí em diante, seria uma reação em cadeia, além da segurança do registro em carteira e assistência médica. O salário não seria muito maior se comparado ao que se produzia no sítio, embora nunca tivemos a curiosidade de colocar preços nos nossos trabalhos. Candidatei-me para trabalhar como preparador, porque

exigia certo porte físico, manuseio de ferramentas e isso a roça me deu. O trabalho seria receber as árvores vindas da floresta, selecionar as mais retas para servirem de postes, as demais seriam transformadas em outros tipos de materiais. As árvores para os postes eram cortadas com altura de nove a onze metros, desganhadas, descascadas e tratadas com óleo cru, para suportarem as intempéries.

19

20

V

Iniciei na CEE, com vinte e dois anos de idade, ainda morando no sítio e meu meio de transporte era uma bicicleta, que comprei para pagar em cinco mensalidades. Com o passar dos dias e sem ter um horário definido para sair do trabalho, uma vez que as implantações de todos os setores de trabalho e treinamento eram dificultosas, mesmo porque muitos estavam começando uma atividade nova e a própria empresa tinha receio em mandar o pessoal para o campo sem o devido preparo. O ritmo em casa ficou desprogramado porque mamãe nunca sabia a que horas eu iria chegar para jantar.

Tinha horário certo para sair, mas não para voltar. Ela ficava acordada me aguardando, para me fazer companhia na refeição e saber como tinha corrido meu dia. Todos nós tivemos nossa mãe, e alguns ainda tem a felicidade de tê-la, então sabem como elas são preocupadas. Podemos ter cinquenta anos, que ainda continuamos crianças, precisando de colo, e como um colo muitas vezes nos faz falta. Deus não apenas lhes deu o dom de serem mães, como também lhes deu o poder de nunca se cansarem. Deu-lhes até o poder de morrerem pelos filhos.

Essa situação fez com que eu procurasse algum lugar para morar durante a semana, dando descanso aos meus pais, e ficaria com eles nos finais de semana. Consegui um quarto, em

21

uma casa de família, isolado do corpo da casa. Não foi difícil alugá-lo porque todos se conheciam na região e se não fosse conhecido, era fácil obter informações sobre as pessoas. Mesmo com os sonhos que o campo me provocou, não dispunha de muito tempo para pensar em sair à noite, pois o cansaço sobrepunha a vontade e descansar era tudo que queria. Após oito meses na CEE, foi-me proposto um novo cargo, que seria uma espécie de controlador dos materiais. Toda madeira recebida era registrada na sua forma bruta e depois de trabalhada e selecionada, era classificada em lotes, conforme seu tipo de aplicação. Eram postes, cruzetas, suportes, escoras, cunhas, etc.

O controle do estoque era relatado semanalmente, através do qual eram programados os avanços do pessoal de campo. Tudo era registrado em livros enormes, desde o material bruto recebido, as quantidades produzidas e as perdas. Sabe quando se joga a semente na terra arada, vem uma

chuva e tudo começa a brotar de uma vez? É bonito e ao mesmo tempo preocupante o trabalho de dar conta da conservação, da colheita.

Foi praticamente isso que a CEE provocou na região. Aumentaram as indústrias, os empregos, as cobranças políticas para que a energia elétrica atendesse outras cidades.

_ Olha, aqui é da prefeitura tal. Precisamos falar com o presidente da empresa sobre um pedido feito a cinco dias e ainda não foi atendido.

22

_ Sou assessor do secretário fulano de tal, que atua por essa região e ele gostaria de marcar uma reunião com a direção para definir algumas prioridades.

_ Eu sou um empresário do ramo imobiliário de São Paulo e estou interessado em construir uma rede de hotéis e chalés nas serras e gostaria de saber quando teria energia elétrica disponível para poder dar início nas minhas obras.

Não ter horário definido para sair, já não era mais problema. Passei a não ter certeza se teria finais de semana. Como as equipes de campo não diminuían seu ritmo, eu precisava estar à disposição para o fornecimento dos materiais requisitados. Muitas vezes chegava um caminhão na sexta feira, no final do expediente, necessitando de vários materiais para dar continuidade a uma rede, que se não se aproveitassem da parada das chuvas, atrasariam todos os cronogramas.

Como dizer não? O sábado já tinha ido embora, e com ele a companhia do pai e da mãe, a saudade de sua comida deliciosa, feita com carinho, com capricho. Todos nós passamos a fazer parte de uma engrenagem, que não poderia mais parar. O seu giro só aumentava, aumentava.

Quando ocorriam períodos prolongados de chuva, que impediam os trabalhos nas serras, aproveitávamos para manter um bom estoque de materiais, que facilitavam a distribuição e produção.

A empresa pagava todas as horas extraordinárias trabalhadas, pois quanto mais rápido seus projetos fossem

23

sendo executados, mais rápido era o retorno de seus investimentos. Muitas vezes tínhamos a impressão de que éramos taxados como bajuladores dos patrões, mas três motivos explicavam bem a nossa dedicação. Primeiro, como a maioria havia saído das roças, onde o trabalho era diário, junto dos pais, educados para as obrigações, o respeito, a responsabilidade já estava enraizada como as plantas das quais cuidávamos. O segundo motivo era que a empresa pagava todos os direitos sem a necessidade de estarmos justificando. E o terceiro foi que tudo isso ocorreu a quarenta anos atrás e naquela época não se discutia horário, tipo de serviço. Hoje ligo o rádio e ouço greve dos sem terra, greve dos que tem terras demais, greve contra a greve de outra categoria.

Acabou, com o tempo, com a evolução, o uso de uma única palavra que é dedicação. Respeito nem se conjuga mais. Fico pensando e observando a juventude de hoje. Se isso significa evolução, penso ter vivido melhor minha juventude humilde, suada, cheia de vontades, mas decentemente.

Leio, ouço, que somos habitantes de um país em desenvolvimento. Entendo que desenvolvimento de um país é como minha mãe tratava de seus filhos, procurando educar, dar alimentação, verificar seu crescimento, mesmo de ma neira simples. O nosso país se está em desenvolvimento, é totalmente às avessas do que aprendi, porque nada pode se desenvolver com tantas drogas, tantos crimes impunes. E o

24

pior é que o exemplo vem das classes mais favorecidas, mais instruídas. O que pode se esperar de quem sai de uma favela? Estou com meus sessenta e dois anos de idade e, em função do tipo de vida e alimentação que tive, poderei viver mais uns vinte anos, se nada de anormal me ocorrer. Mas me dói assistir essa evolução descontrolada, sem que possamos fazer nada.

25

VI

Com o avanço por entre serras e matas, foi possível visualizar outras condições para reduzir tempo e custos, rotas alternativas. A experiência que foi sendo adquirida devido as dificuldades encontradas obrigou a engenharia a desenvolver equipamentos mais apropriados, mais seguros, resistentes. Um exemplo era o exaustivo transporte dos postes pela mata adentro, depois de descarregados no ponto mais apropriado para os caminhões. Desse ponto, até o local da implantação dos mesmos, o transporte era

feito manualmente, com a utilização de dois trabalhadores, muitas vezes percorrendo grandes distâncias. Brincando com um carrinho plástico que um dos pais

levou para ficar recordando seu filho, ele retirou os eixos com as rodinhas e colocou dois gravetos sobre os mesmos. Foi criado o carrinho de transporte dos materiais, que reduziu o desgaste físico, os riscos de acidentes e agilizou toda a implantação. Além de transportar várias unidades, dois a três operários executavam o trabalho.

Quando o aclive ou declive era muito acentuado, eram usadas catracas com cabos de aço para puxarem o carrinho até o local desejado. Os equipamentos foram evoluindo, conforme surgiam as dificuldades.

26

Hoje, quando eu paro para pensar na qualidade que cada um tinha dentro de si, sem serem expostas, parece um sonho.

Sou obrigado a tirar mais uma conclusão dos dias de minha vida: as dificuldades nos obrigam a crescermos, encontrando soluções nunca imaginadas.

As dificuldades fazem, além de crescermos espiritualmente, que também recordemos as palavras que nos eram ditas, os exemplos de vida, sem que fosse dado o devido valor naquele momento.

Quando algum de nós estava triste ou calado, papai dizia que a vida é completamente igual as nossas plantações onde, algumas sementes brotavam rapidamente enquanto outras demoravam ou nem brotavam. Como nossos sentimentos, a plantação tem que ser regada, retirada as ervas daninhas e colhidas na época certa. A plantação que ele citava, era o coração, o amor, a lealdade, as amizades.

Todas as condições abstratas da vida devem assim ser tratadas. É que entramos numa vivência tão costumeira que nem notamos que uma má amizade é uma erva daninha, um amor que fere é como uma chuva de granizo, uma traição, uma decepção é a semente que não brotou. A perda de um ente querido é a geada que queima toda a plantação e não sabemos por onde recomeçar no dia seguinte. As ferramentas calejam nossas mãos, enquanto as alegrias e dores turvam nossos corações .

27

Agora, na idade que estou, é que me sinto pronto para começar a viver, a entender tudo, agora que tenho a percepção mais aguçada, resta-me pouco tempo para por em prática o que ouvi, o que não ouvi, o que dei, o que deixei de dar, o que dei sem receber.

A vida é como nosso sítio, onde a plantação se renovava a cada amanhecer, tomando formas diferentes, as raízes penetrando em direções aleatórias. Nós também renovamos ou devemos ter no mínimo a capacidade de tentar renovar nossos conceitos.

Quero deixar um pedido a Deus, para que em algum lugar, em algum tempo, as pessoas possam viver cento e cinquenta anos, duzentos anos. Tenho certeza que viverão muito melhor. As ervas daninhas darão lugar as vicissitudes, os moços com seus cinquenta anos terão condições de dar os valores reais aos sentimentos, o que hoje só acontece quando estamos chegando no final de nossa presença viva sobre a

terra.

As dificuldades fazem-nos crescer e as soluções nunca imaginadas, provavelmente eram inerentes a nosso ego, mas faltou coragem de expor, de arriscar. É o medo de plantar no inverno e a geada devorar tudo ou deixar para o verão e o sol forte esturricar os brotos. É viver adiando.

28

29

VII

A infância e a adolescência foram vividas no sítio, e os contatos com a cidade só aconteciam quando necessitávamos fazer compras de sementes, adubo, inseticidas, alimentos, remédios, as necessidades básicas, porque em termos de divertimentos, nada tinha para oferecer. A cidade era mais um entreposto das mercadorias colhidas na região, do que um local de encontros. A atmosfera era de inocência, sem malícias ou maldade, vícios eram raríssimos. Devido esse pouco contato, a transferência do sítio para a cidade foi dura, a saudade batia todo momento. Com o aumento dos serviços, vieram mais responsabilidades, o que fazia com que o tempo passasse mais rápido, sem espaço para as lembranças.

O corpo cansado, queimado pelo sol, a cabeça procurava rodar algum sonho, mas era logo dominada pelo sono profundo, muitas vezes antes de completar a primeira cena.

Isso tudo fazia com que eu não me apercebesse do que se passava ao meu redor, não tinha tempo para analisar o rosto das pessoas, a alma refletida no olhar.

Um final de semana que fui passar com meus pais, uma pergunta de mamãe deu-me uma sacudida:

30

_ Então, filho, tudo indo bem no serviço, dedicado como sempre? E as moças da cidade ainda não descobriram como meu filho está cada dia mais bonito?

_ Está tudo indo bem, mãe, respondi de pronto. O serviço toma muito meu tempo e na verdade não tenho reparado nas moças e por isso nem sei se elas me notam.

A partir dessa conversa, decidi cuidar um pouco mais de mim, retomar os sonhos, as fantasias.

É lógico que não chegaria a viver todos os detalhes das fantasias, mas poderia pelo menos tentar. Estava conseguindo uma condição financeira moderada, que me permitia assumir um compromisso com alguma moça.

Casar. Nossa, chegou o momento de começar a pensar nesse assunto. Os dias estão passando, a idade aumentando, saí do sítio na casa dos vinte e dois anos e já estou beirando os vinte e cinco, sinto alguma coisa se mexendo dentro do meu peito. Ao mesmo tempo sorrio sozinho, alegre, e também tenho medo, inexperiência.

Passei a divagar. Comecei por imaginar que tipo de rosto feminino me atraía, chamava minha atenção. O corpo, a idade, a cor dos cabelos, a altura. Como deveria ser seu pensar, para que fosse próximo dos meus. Uma moça bonita, prendada, sonhando com filhos, uma casa. Uma confidente, amante, mulher, mãe. Comecei a fabricar meu complemento, alguém que suprisse minhas carências, me compreendesse na falta de experiência em como lidar com uma mulher, na forma

31

de lhe dar carinho. As mãos eram ásperas, calejadas, o corpo duro, queimado. Será que só ou tudo isso poderia atrair alguma mulher para minha vida?

Demorei demais para perceber que Catarina, a filha da dona do quarto onde eu morava, era o tipo de moça que eu imaginava, ou será que inconscientemente eu formei a sua imagem em minha cabeça, porque era uma das poucas pessoas com quem eu mantinha pouquíssimo contato?

Decidi parar para pensar e cheguei a várias dúvidas. Todos os dias, não importasse a hora que eu chegasse, ela estava me esperando, sendo que poderia já ter ido se deitar. Reparei que o seu olhar tinha um brilho diferente quando conversava comigo, em relação às outras pessoas. Várias vezes ela havia me convidado para lancharmos juntos, mas como eu sempre já havia comido alguma coisa, agradecia e me dirigia a meu quarto.

O que me custa fazer um teste e verificar se há algum interesse por parte dela? Comecei a mudar os horários de chegar em casa, uns dias mais cedo que o normal, outros mais tarde, e lá estava ela a me esperar.

Retomei o horário normal e, passados alguns dias, ela, encabulada, convidou-me novamente para um lanche. Aceitei. Enquanto ela preparava a mesa, fui tomar meu banho para tirar o suor do dia exaustivo.

Tomei banho vagando, o corpo sob a água, a alma sobre as nuvens. O que estava a tempos em meu peito,

32

represado, explodia. Não era capaz de pensar em nada, no que falar. Tudo era alegria, ria a razão, ria o coração e quando tudo se mistura, perdemos a noção do certo ou errado. Comportava - me sob o chuveiro como uma criança.

Não me lembro nem se lavei os pés, de tanta pressa. A pressa era tanta, que quando retornei à presença de Catarina, ela ainda não havia terminado de arrumar a mesa. Ajudei-a a cortar os pães e, tudo pronto, sentamos, sem jeito, em silêncio. _ Olha, esse bolo minha mãe assou ontem, não sei se

ainda está macio. Sirva-se do que preferir.

_Você preparou-me uma mesa de doces, que dá para uma dúzia de pessoas.

_ É que eu não sei nada sobre suas preferências. Se eu colocasse somente um tipo de doce, você iria comê-lo por falta de opção e eu continuaria sem conhecer seus gostos.

_ Você tem o privilégio de poder escolher. Lá no sitio a gente também escolhia. A mãe esquentava o pão, para disfarçar, e era só o pão com leite. No outro dia, o bolo, a mãe cortava nos tamanhos para que todos pudessem comer um pedaço.

_ Não se preocupe com minhas preferências, Catarina. Eu fui criado comendo o que estava sobre a mesa. Não podia deixar de comer, senão na hora do trabalho pesado, o corpo não resistiria.

- Não pense que estou querendo lhe impressionar com todas essas guloseimas, Mário. É que realmente não sabia o

33

que lhe agradaria. Agora vamos parar de falar sobre as quantidades e alimente-se porque já é tarde e você, além de estar cansado, deve estar faminto.

Comi além do normal, impulsionado pelo nervosismo. Pela primeira vez ficávamos sozinhos, frente a frente. Não sabia se mastigava com o lado direito ou esquerdo da boca. Quando fui para meu quarto, coloquei um pedaço de

papel na boca e fiquei mastigando defronte o espelho, cada hora de um lado da boca, para ver em qual eu ficava menos feio, mas tanto fazia o lado, a careta era a mesma. Conversamos sobre o meu serviço, sobre o que ela pretendia fazer, porque estava terminando o ginásio e no caso de frequentar o científico, teria que ir para outra cidade. Se decidisse parar no ginásio, iria procurar um emprego, uma vez que a cidade apresentava crescimento, mais oportunidades. Não sabia ainda o que seria melhor, precisava definir porque já iria completar dezessete anos.

Como estava muito cansado, agradei pelo lanche e fui para o meu quarto. Parecia que havia bebido umas duas garrafas de aguardente e não leite, como havia tomado, porque estava tonto, perdido. Como ela é linda, cheirosa, atraente. O que eu falei mesmo sobre o meu serviço? Será que comentei o meu salário ou não? Se ela for continuar os estudos fora de Serra do Meio, o Marião aqui virou mais um colega. Se ela não for, ainda tenho chances.

34

35

VIII

Não sei dizer quanto tempo demorei em dormir, mas saindo para o trabalho, a primeira pessoa que vi foi Catarina. Os cabelos em birote, um vestido rosa claro, tudo lhe dava um ar de uma boneca querendo colo.

_ Bom dia, Mário. Não passou mal com o lanche que

lhe preparei ontem?

_ Bom dia, Catarina. Desde que vim para a cidade, foi a primeira vez que comi tanto, desculpe se exagerei. A sua presença me deixou nervoso. Se os seus lanches são assim deliciosos, tenho certeza que pode casar, porque o almoço deve ser daqueles que não deixa a gente sair da mesa.

Catarina corou e dando-me as costas, respondeu:

_ Está na hora de eu me preparar para a aula. Se quiser jantar comigo, é só marcar o dia, que garanto fazer tudo com o maior capricho.

Saí para a rua mais tonto do que quando fui dormir na noite anterior.

Trabalhei o dia todo sem pensar no convite, indo lembrar-me a caminho de meu refúgio. Chegando lá, reparei que não havia ninguém, recordando-me que Catarina comentou que iriam até a casa de sua tia, que aniversariava naquele dia.

Quando me deitei, fiquei pensando no seu rosto, no seu tom de voz, imaginando nós dois correndo pelos campos,

36

sozinhos, nos beijando, rolando pela grama, tendo contatos mais íntimos. E novamente alguma coisa se mexia dentro de mim.

Revirei minha cabeça para tentar delinear seu corpo e vi-me excitado. A muito tempo não me sentia assim, ou melhor, nunca me senti assim, quente, agitado, forte, disposto. Passei a vê-la nua, sua pele suave, brilhando contra o sol,

nossos toques aumentando de intensidade... Para, para,

desliga, ...

Estivemos juntos uma única vez, nada comentamos sobre sentimentos, nenhum contato de pele, por menor que fosse.

Peguei um papel no meio dos meus documentos e fiz o que nunca imaginei. Escrevi um versinho usando as iniciais do seu nome, que muito tempo depois fiquei sabendo chamar acróstico esse tipo de verso, que ficou assim:

C arente,

A anos sonho

Ter alguém assim.

A chei.

R eine,

Invada-me,

Não se negue,

Ame-me.

37

Resumi em poucas palavras o que sentia naquele momento, querendo ser amado por Catarina. Era a primeira vez que escrevia um verso, e o mais absurdo, dizendo tudo, minhas necessidades, minha entrega. Passei dos meus limites. De onde saíram esses pensamentos embaralhados, misturando carinho, amor, sexo, entrega? A idade, à vontade, curiosidade? E o medo?

O medo de que venha a acontecer tudo o que es crevi me transformava numa vara de bambu no meio de um vendaval. Tremer ou correr, fingir segurança ou dominar? Dominar como, se a única vez que dominei alguma coisa foi uma bezerra, no sítio, para que meu pai lhe pusesse uma canga?

Adormeci com os pensamentos todos voltados para ela. Sonhei uma confusão danada, onde os tempos se misturavam, vivia com ela no sítio, trabalhava na CEE e nos dois lugares ao mesmo tempo. Acabei acordando mais cansado do que quando fui deitar. O dia seria interminável.

Como Serra do Meio, toda a região passou a mostrar desenvolvimento, com a abertura de lojas, novas serrarias, mais barulho. Alguns bancos começaram a se instalar nas diversas cidades, surgiam médicos e dentistas. Lembro-me que na pracinha central, seu Henrique dirigia a sua barbearia, passando a maior parte do tempo sentado à porta, observando a vida diária das pessoas. Tomar referências a respeito de

38

alguém, ele era a pessoa mais indicada. Quando surgiu mais uma barbearia, seu Henrique praguejou, não tinha mais tempo para coletar todas as notícias. A competição fez com que ele se mexesse, abaixasse o preço, melhorasse o aspecto do salão.

O progresso provocou as pessoas, tiveram que se atualizar, a verem novos rostos, a dar melhor atenção.

_ Seu Henrique, o que vai ser construído ali na Rua Joaquim Nabuco? Perguntei, curioso, porque estavam limpando um terreno a anos abandonado.

_ Não me inteirei ainda muito bem, mas pelo que ouvi falarem, vão construir uma pensão. O pessoal é do Paraná e já trabalham nesse ramo, lá na capital.

_ É, com a chegada de mais mão de obra, deve ser um bom negócio. E o senhor como está se saindo com a concorrência?

_ Mário, estou sabendo que vão abrir mais um salão. Acho que preciso mexer nas minhas ninharias, aumentar uma cadeira e preparar algum interessado nesse ofício, senão não vou conseguir manter minha freguesia.

_ Puxa vida, tenho uma irmã necessitando empregar o filho. Será que eu poderia conversar com eles e, se o senhor tiver interesse em ensiná-lo, poderei trazê-lo até aqui.

_ Ainda preciso pensar melhor nesse assunto, Mário. Preciso ver quanto vou gastar com espelhos, materiais de trabalho, a cadeira. Como lhe disse, preciso mexer nas minhas reservas e não sei se seria a hora certa.

39

_ Sobre isso, podemos conversar nós dois. Eu pos so adquirir os equipamentos e ao senhor caberia ensinar o rapaz e combinar com ele uma porcentagem nos cortes. Os meus gastos, acerto com minha irmã.

_ Que moço esperto. Já está pensando em aplicar o dinheiro. Prometo pensar melhor e talvez amanhã eu já te nha uma resposta.

_ Não estou pensando em ganhar dinheiro com o rapaz, não. Estou pensando em minha irmã e no futuro do meu sobrinho. Agora estão aparecendo as chances de arrumarem algum emprego aqui mesmo em Serra do Meio. E também minha irmã, coitada, não vive uma vida boa. Por mais que meu cunhado se desdobre, sempre falta alguma coisa no final do mês. Aguardo uma resposta do senhor, seu Henrique, até amanhã.

40

I X

O Bansac – Banco do Estado de Santa Catarina - iniciou a construção de um banco na cidade, sentindo que o dinheiro começaria a circular na região. Começou a manter contatos com a CEE para efetuar a folha de pagamento dos funcionários, efetuar a cobrança das contas de energia elétrica e muitos outros serviços. Para a CEE estava sendo um ótimo negócio, pois não precisaria contratar mais mão de obra para determinados serviços, a partir do momento que o banco viesse a fazê- lo.

Como houve interesse dos dois lados, as obras do banco foram aceleradas, para que iniciassem as atividades o quanto antes. Com isso mais mão de obra vindo para a cidade. O banco abriu inscrição para os interessados, mas exigiam um certo grau de estudo.

Tudo é uma espiral, a tudo engolindo. O tempo corre, voa, para, retorna, dispara novamente e nós vamos nesse fluxo sem que percebamos.

O progresso já mudava os planos até de Catarina, que estava se candidatando a uma vaga no banco, com a intenção de mais adiante, fazer um curso de aperfeiçoamento para melhorar sua posição na instituição. Isso ela me disse no jantar que combinamos e, quando ouvi suas intenções, não sei dizer se me alegrei ou me assustei.

41

No dia seguinte, passando pela barbearia, seu Henrique concordou com minha proposta em experimentar o rapaz como seu auxiliar. Tudo agora dependeria dos pais concordarem.

A ansiedade não deixava o dia terminar, para que eu fosse conversar com Lurdes. Alguma coisa segurava os ponteiros do relógio, mas quem segurava era eu mesmo.

_ Lurdes, como vai? E o Caetano, tudo bem? Vim até aqui lhes fazer uma proposta de trabalho para o Rafael. Gostaria de conversar com os três.

_ Mário, já lhe devemos tantos favores, que não sei nem como lhe agradecer. O Caetano deve estar chegando. Vai tomar um café enquanto eu chamo o Rafael. Você janta com a gente, hoje, né?

Pouco tempo depois, estávamos os quatro sentados a mesa, o mais simples possível, tomando um lanche, passei a dizer os motivos de minha visita.

_ Conversando com o seu Henrique... Eu compro os materiais necessários, dependendo somente do Rafael aceitar, que poderá iniciar amanhã. Quero que a decisão final seja do Rafa.

_ Você, Rafa, não leve em consideração a opinião dos amigos porque não são eles que socorrem sua família, quando precisa de alguma coisa. Todo serviço é honrado, quando feito com honestidade, dedicação.

42

- Eu vou, disse Rafael, de pronto. Não é pelo serviço que se mede uma pessoa, além do que nesta cidade não é difícil se saber da vida de cada um.

- Então, logo pela manhã passo para lhe pegar e levá-lo até a barbearia.

Próximo do salão, disse para Rafael anotar a relação dos materiais necessários, para que eu adquirisse o mais rápido possível, e que iniciasse com o pé direito, para que se tornasse um bom profissional.

Não sei porque fui tomado por esse sentimento. Algo me dizia que Rafa se sairia muito bem e foi o que realmente aconteceu. Em seis meses, todos gastos estavam pagos e sua retirada ajudava muito em sua casa.

Seu Henrique ria à toa. Acabou seu tempo de verificar a vida das outras pessoas. O salão passou a ter uma freguesia tão grande, que mal sobrava tempo para saírem para o almoço. Todos os jovens queriam cortar o cabelo com Rafael, e como ele adorava crianças, as mães passaram a frequentar o salão quando iam levar seus filhos. Os outros salões mal faziam para pagarem suas despesas.

Fiz questão de receber minha comissão por um ano, para Rafael dar valor a seu trabalho. O dinheiro guardei e dei-o a Lurdes, sem que Rafael soubesse.

Sentia-me orgulhoso por ter orientado meu sobrinho na sua profissão e senti que ele sairia vencedor. Seu Henrique, depois de alguns anos, veio a falecer, deixando o salão sob a

43

responsabilidade do Rafael, que mantém a freguesia sempre satisfeita.

44

X

A impressão que eu tinha, era que os dois estavam com medo de marcar o jantar, pois nele o que iríamos falar? Sobre nossas vidas, sobre meu serviço, sobre nossos planos? Ao mesmo tempo, como segurar a agulha que estava a cutucar os dois?

Influenciado pela minha inexperiência, pois nunca tive um namoro mais sério, os encontros que tive, foram apenas momentâneos e sem compromisso, como dizem hoje era só um passatempo, sendo que um namoro implicava em imaginar uma vida a dois, a responsabilidade de manter uma casa, filhos, e tudo o mais que implica um casamento.

Mas isso não acontecia com ela. Esperou-me chegar do serviço, uma semana depois e, como se lançasse uma bomba, perguntou:

_ Mário, você não se esqueceu do nosso jantar, esqueceu? Amanhã seria um bom dia porque meus pais vão visitar minha tia. Teria algum problema para você?

- Claro que não, Catarina. Respondi gaguejando, mas respondi.

_ Ótimo. A partir das vinte horas estarei lhe esperando. Este horário está bom?

_ Está marcado. Caso me ocorra algum imprevisto, lhe aviso a tempo. Agora preciso tomar um banho e descansar,

45

porque hoje foi um dia muito corrido. Com licença, Catarina, até amanhã.

Sentei em minha cama e fiquei pensando sobre o que estaria acontecendo comigo. Tremia, nervoso. No fundo dos meus pensamentos, eu sabia que eram os reflexos da conversa com minha mãe. Estava na hora de seguir meu destino. E esse começo teria que acontecer.

Catarina estava ali, dando-me a chance de iniciar um compromisso, que talvez levasse-nos ao casamento. Precisava tentar. Se eu pudesse prever o futuro, esse jantar nunca teria acontecido.

O dia correu normalmente e às dezenove horas já estava em meu quarto. Precisava fazer a barba, escolher uma roupa melhor, embora ela já conhecesse todas, porque era a mãe dela quem lavava e passava. Tomei meu banho, procurando não programar nada. Deixaria que tudo fosse acontecendo conforme havia escrito o destino, mas tudo isso a gente fala para as outras pessoas porque quando é com a gente, a cabeça não para de ficar pensando na situação a ser enfrentada.

_ Mário, você já está pronto?

De um salto, já estava fechando a porta do quarto, quando passei a observá-la. Com os cabelos presos, caindo sobre o ombro esquerdo. Usava um vestido de cor creme, bem solto, senti um frio. Era todo transparente. Não sei quantos

segundos fiquei paralisado, sem coordenar os pensamentos. Seu corpo juvenil e belo, cheiroso, atraía-me.

O jantar foi uma mistura de tensão e expectativa, o que não deixou que eu o saboreasse devidamente.

Ofereci-me para lavar as louças e talheres que usamos, mas ela somente providenciou a guarda dos alimentos, dizendo que o restante faria depois.

Quando sentamos no sofá, lado a lado, é que pude sentir uma energia que saía de seu corpo e me envolvia de tal forma que senti-me excitado e envergonhado.

Instintivamente minha mão tocou a dela, que se encontrava sobre suas pernas. Nós dois estremecemos, nos olhamos ao mesmo tempo e desviando o olhar, disse- lhe:

_ Não sei como lhe agradecer as duas oportunidades que me deu de estar a seu lado, durante aquele lanche anterior e o jantar de hoje. Se dependesse de mim, acredito que não teriam acontecido, pois além de não temos nenhum lugar na cidade, a minha timidez não deixaria.

_ Sei disso, Mário. Além da praça da igreja, de mais nada dispomos para nossa distração. Gostaria que houvesse alguma melhora em nossa cidade, senão minha juventude será ir à escola pela manhã ou as vezes visitar um parente.

_ Ainda não havia pensado em distração porque a única coisa que tenho feito é trabalhar. Deve ser difícil para você não ter nada para fazer, a não ser estudar. Já decidiu se vai continuar os estudos em outra cidade ou ainda não?

- Preciso conversar com meus pais, embora ainda tenha um tempinho.

A minha mão em contato com a mão e as pernas dela, transmitiam-me calor, maciez, e sem querer eu aumentava a pressão sobre os seus dedos.

Foi só por aquela noite. E o bastante para a época em que vivíamos. Esse pouco foi o suficiente para não me deixar dormir e quando amanheceu concluí que estava apaixonado. Sem me aperceber, fui me modificando, escolhendo melhor as roupas, penteava mais os cabelos, barbeava-me diariamente, o sabonete já não dava mais para tantos banhos como antes.

Mas para mim, estava tudo sempre igual, cabendo outra vez à minha mãe a observação de que alguma coisa estava acontecendo comigo.

- Mário, tenho notado que você vem se cuidando mais. Está querendo chamar a atenção de alguma garota?

Devo ter ficado vermelho, roxo, sem saber o que dizer. Muitas vezes parece que determinadas pessoas conseguem ler nosso coração, nosso pensamento.

- Não sei mãe. Acho que estou interessado na filha de dona Zilda.

- Que bom, mas toma cuidado para não se ferir, nem ferir a moça, acrescentou meu pai. Eles são de família conhecida e nada justifica difamação. Eles o acolheram da melhor forma e continuam assim até hoje.

48

- Não sei direito o que estou sentindo por ela e nem o que ela sente por mim. Mas nunca senti isso antes.

_ Que a mãe saiba, você nunca conheceu uma garota antes, a não ser suas irmãs. A gente se sente assim mesmo quando está sozinho, sonha em ter uma família. Analisa bem seu coração e sua cabeça. O entusiasmo acaba não deixando pensar direito.

- Eu sei mãe, quer dizer, sei e não sei. Prometo pensar.

49

XI

Engraçado como o sentimento, seja de que modo for, domina tudo dentro de nós. Se estamos preocupados com alguma coisa, pensando em alguém, todos os pensamentos ficam dirigidos para essa situação. Por mais que desviemos a atenção, voltamos para o mesmo ponto. E, enquanto não for resolvida essa pendência, nada ocupa seu lugar.

Podemos dormir que acordamos com os mesmos pensamentos. Se saímos para outros lugares, nada chama a atenção. E esse direcionamento é ruim porque ele distorce as atitudes, mascara os sentidos, modifica o coração e a razão. Se estamos bem, dizemos sorrindo sim para tudo mas, se a situação é ruim, o não passa a ser falado asperamente.

Olhei no espelho, olhei nos meus olhos e perguntei: O que é que você quer com a Catarina? Namorar, casar, ter filhos, serem felizes para sempre? É só falar com ela e explicar o que se passa com seu coração. Se é hora de namorar? Ah, qual é a hora certa para isso? E se ela não quiser?

Você tem que estar preparado para ouvir um sim ou um não. É ruim mas só tenho duas possibilidades. Agora peguei a mania de falar com o espelho ou sozinho, porque não tenho com quem conversar, expor minhas necessidades. Tomei a decisão de falar com Catarina assim que surgisse a primeira oportunidade.

50

Catarina parecia distante de tudo, quando tornei a vê-la depois do jantar. O que estaria se passando com ela?

- Olá Catarina, como está, parece tão distante.

- Olá Mário, está tudo bem. Estava pensando na vida. Meus pais cobraram uma decisão do que eu vou fazer, uma vez que o final do ano está se aproximando. Se for continuar os estudos, precisarei ir para outra cidade. O que você acha?

E agora? Toda minha expectativa de conversar sobre namoro, acabou. Precisava raciocinar rápido, satisfazer meu coração e não prejudicar o futuro de Catarina. Quantos segundos eu tenho para decidir o destino de duas pessoas? Nunca tinha sido colocado à prova para decidir esse tipo de problema.

Eu havia me preparado para falar sobre corações e não de destinos, como se coração e destino não tivessem nenhuma ligação. Muda-se o coração de acordo com o que nos reserva o destino ou o destino vai sendo alterado conforme as necessidades do coração?

_ Catarina, o que eu posso dizer para que você tome uma decisão, decisão essa que pode mudar tudo? Havia caído na minha própria armadilha.

_ Mudar tudo o quê? Você tinha alguma coisa para me falar?

_ Eu gostaria de conversarmos sobre outro assunto, mas como você tem esse problema para resolver, posso e devo esperar outra oportunidade.

51

_ Não estou lhe entendendo. Fale o que tem para tratar, que o meu assunto ainda tem uns três meses pela frente.

_ Você sabe quanto tempo faz que moro aqui com vocês? Não parece mas faz mais de um ano. O tempo é rápido e fica nos cobrando a todo instante.

_ Se você decidir continuar estudando, que carreira pretende seguir, de professora, fazendo o curso de magistério? E onde você vai trabalhar depois de formada? Provavelmente, para cá você vai demorar para voltar.

Terminei a frase de uma maneira nervosa e aflita, que Catarina percebeu, mais uma vez, que algo se passava comigo, mas não me interrogou.

Ela também não tinha uma resposta do que pretendia continuar cursando. Acreditei naquele momento que ela, ao pressentir meus sentimentos, procurou pelos seus. Eu precisava fugir daquele terremoto que acontecia ao meu redor, conseguir tempo para pensar, a sós, com meu espelho, com meu trave sseiro.

_ Catarina, vou pensar sobre seu problema, embora a escolha tenha que ser exclusivamente sua, para que não se arrependa mais tarde. Voltamos a conversar amanhã a noite. Quando disse "... embora essa escolha tenha que ser exclusivamente sua ...", foi somente da boca pra fora. Eu não imaginava que pudéssemos

alterar o destino de outras pessoas, pois podemos e a consequência é que passamos a ser

52

responsáveis pela nossa vida e a dos outros também. Caro, isso tem um preço muito caro a ser pago.

Você caminha com quatro pernas e quatro braços, pensa com duas cabeças e acaba se esquecendo de si próprio para favorecer e satisfazer a outra pessoa. O tempo passa a ser dividido para os dois, sendo oito horas para mim e dezesseis horas para ela. As vontades dela são realizadas sempre primeiro e, se der tempo, depois vejo as minhas.

53

XII

Ao assumir a responsabilidade por outra pessoa, eu pensava estar dominando, estabelecendo, ditando. É tudo ao contrário. Além de não ter a posse da outra pessoa, passamos a ser manipulados pelos seus desejos e seus interesses, porque não podemos falhar, decepcionar. Passamos a ser escravos de nós mesmos.

Deitei com a roupa do corpo, angustiado, triste e sem saber o que fazer. Pensar em que se, quando me decidi abrir o coração, surge um novo problema? Amanhã à noite falo o que pretendo e decido a partir do que ela me disser. Adormeci.

Os ponteiros do relógio corriam para um lado e eu forçava para o outro, para que o entardecer demorasse a acontecer. Primeiro gostaria de ouvir um sim para meu pedido de namoro e depois saber que havia decidido permanecer em Serra do Meio, trabalhando. Os cinquenta por cento de chances de ouvir um sim já não representavam mais nada, diante de todas as decisões que precisavam serem tomadas. Por volta das oito horas saí para a frente da casa onde morava e Catarina já me esperava. Embora me sentisse nervoso, precisava resolver meu desejo, porque já estava me sentindo atrapalhado para os problemas do dia-a-dia.

_ Boa noite, Catarina. Você parece tranquila, mesmo estando numa encruzilhada.

54

_ Boa noite. Nós precisamos tomar decisões durante toda a vida e torcer para que seja a certa. Se não for, devemos retomar o caminho e corrigir o rumo.

_ Você pensou sobre o que devo decidir, pois ontem me deu uma direção para que eu analisasse que rumo tomar, quando me perguntou que profissão eu seguiria. Sem essa primeira condição, realmente é difícil programar a vida. Dependendo da minha escolha, não sei se meus pais concordariam e se teriam condições financeiras para me sustentarem.

_ Pelo amor de Deus, eu só quis ajudar e não a interferir em seus planos.

_ Sei disso. Você ajudou-me a estabelecer uma linha de pensamento. Ainda não falei com meus pais mas

resolvi, a principio, ficar aqui mesmo e tentar um emprego. Quem sabe se mais para a frente eu já tenha me decidido.

Senti um alívio dentro de mim, que renovou minha coragem. Metade do peso acabava de sair de minhas costas.

_ Que bom Catarina que tenha optado por ficar. Além de já ter me acostumado com você, a preocupação em ter que resolver seu futuro, acabava atrapalhando outras decisões como a que eu faltou palavras e coragem.

_ Continua, Mário. Era isso que você ia me dizer ontem à noite?

Respirei fundo, olhei para um lado como se estivesse sozinho, e completei:

55

_ É sobre isso mas ainda não sei.... bem, quero namorar com você.

Falei, falei. E agora? A perna tremeu, o coração acelerou, o olhar fixo num ponto, sem olhar para nada. Que estranha sensação. Perdi a força, fiquei dominado.

_ Não entendi direito, Mário. Explica melhor e com calma, ela respondeu com um sorriso.

Engoli seco, raspei a garganta e comecei, sem saber onde iria chegar.

- Tenho pensado muito em você, no seu jeito de me tratar. Talvez eu esteja enganado, mas sinto que você também me considera. Então pensei na possibilidade da gente namorar. Nem sei como se fala nesse assunto porque nunca namorei, minha timidez me trava.

A espera pela resposta favorável, ou não, demora um tempo infinito. Se a resposta é sim, o alívio, a decompressão, leva ao estado normal mas a resposta não fica ecoando em nosso cérebro.

_ Mário, você me surpreende com seu pedido. Não é que você não seja bonito, interessante, é que não poderia imaginar um pedido seu, agora. Ai meu Deus, sua timidez passou para mim.

Senti que não era só eu que sofria desse mal mas e o jeito faceiro, descontraído que ela demonstrava? E toda aquela beleza encoberta por uns pedaços de tecidos, que me

56

enlouqueciam, será que ela não percebia? Será que somente eu me sentia excitado quando diante dela?

Então tudo que eu havia imaginado a respeito dos convites, dela me aguardando chegar do serviço, foi criação de meus pensamentos? Porque se fosse como eu supunha, a resposta seria sim de imediato.

57

Esqueci que meu coração não estava no corpo dela, esqueci que a minha escolha não deve ser necessariamente igual a dela. Esqueci que muitas vezes na roça, antes de plantar, era preciso preparar a terra, esperar a lua certa, para que a natureza participasse com o sol e com a chuva.

Esqueci-me de parar o coração, esqueci de me perguntar se era o momento certo ou deveria aguardar algum sinal mais direto dela, em minha direção. Agora já falei. E, pelo visto, falhei. Acabei de jogar a semente, veio um temporal e lavou toda a terra.

— Não posso lhe dar uma resposta agora, sem antes conversar com meus pais. Se eu for estudar em outra cidade, modifica totalmente a minha rotina, vou morar em algum pensionato. Acredito que não seria bom para nós dois manter um compromisso, com a possibilidade de ficarmos distantes. Percebi e entendi, não sendo essa a minha vontade, que

não era só o fato de sua possível mudança de cidade o motivo de sua não aceitação. O seu coração não estava sintonizado com o meu, pelo menos até aquele dia.

Minha vontade era de chorar mas me contive. Quando sonhamos, esquecemos que o mesmo não precisa acontecer com as outras pessoas, necessariamente ou com tanta intensidade. E mesmo que sonhem o mesmo sonho, suas

58

imagens serão diferentes, o tempo de acontecerem será outro, talvez mais rápido ou mais demorado. Sentia vontade de chorar, sentia-me aliviado por ter revelado meus sentimentos, mas queria correr para meu quarto e pensar, pensar.

Catarina continuou falando sobre sua situação, o que pensava a respeito do relacionamento entre duas pessoas mas suas palavras soavam longe, eu captava alguns trechos, porque meus pensamentos estavam distantes. Pensava como seriam os dias a partir daquele encontro, como ela agiria depois de descobrir meus segredos. Os desejos frustrados nos enfraquecem, nos tiram do rumo, parece que o chão balança. Precisava sair daquele encontro mal resolvido. Catarina

não parava de falar e sair sem lhe dar atenção ficaria desagradável.

— Posso compreender sua posição embora tenha que reformular meus sonhos, respondi com aperto no coração. Já é tarde, preciso descansar, completei com tom de finalizar nossa conversa.

— Espero não ter lhe entristecido, Mário. Quero decidir minha vida o mais rápido possível. Tenho a impressão que quando surge uma situação diferente em nossa vida, várias aparecem juntas para nos testarem. Boa noite e vou contar com você para me ouvir outras vezes.

Fui para meu quarto de cabeça baixa, sem coordenar os pensamentos. Teria que aguardar uma decisão que

59

representava minha alegria ou tristeza. O mundo se resumia em somente uma pessoa e somente uma resposta fazia sentido. Nós vivemos para que tudo que planejamos, que sonhamos, aconteçam do nosso jeito. Escrevemos a estória em nossa cabeça, criamos as dificuldades e resolvemos de forma que saímos valorizados e com o conceito aumentado; nada de ruim acontece durante o filme, a não ser para melhorar nossa imagem. Quando colocamos o enredo em prática, o cenário é outro, as reações são inesperadas, esquecemos que as outras pessoas também pensam, sonham, planejam.

A derrota, por mais que tenha sido considerada, causa uma dor inexplicável. É o orgulho cutucado, analisa-se a beleza, a parte financeira, a se comparar com outras pessoas. Esses sentimentos vão ferindo, marcando o coração, criando uma carapaça, até endurecê-lo.

Caso ela continuasse estudando, acabou-se o encanto, fico esperando outra paixão. Ela ficando, preciso planejar nova aproximação para não perder a chance definitivamente. Como não depende de mim o destino que ela irá tomar, não me resta outra coisa, a não ser esperar.

60

XI V

Como dizer para o coração ser paciente, depois de tantos anos adormecido? Agora que ele despertou, vai ser difícil acalmá-lo. Aquele “não” ficou inúmeros dias me acompanhando no serviço, em meu quarto, ocupando meus pensamentos. Procurei não me encontrar com Catarina, evitando chegar nos horários costumeiros. Mas depois de duas semanas, não tive como escapar ao encontro.

_ Como vai, Mário? Já estava desistindo de esperá-lo, pois estou a muito tempo aqui. Tenho novidades, vou ficar na cidade após completar o curso, arrumar um emprego e futuramente, caso me decida, continuo os estudos. Que acha? Eu tremia todo por dentro. Primeiro pelo impacto de

sua presença, linda, envolvente, dominante. Depois, pela decisão de ficar. Tudo recomeça. Procurando controlar minha emoção e ímpeto, consegui uma resposta:

_ É ótima a sua novidade, Catarina. Fico muito contente pois poderei continuar a vê-la.

_ Já vou começar a procurar um emprego, uma vez que a cidade vem crescendo bastante.

_ Bonita e inteligente como você é, estará empregada logo, logo. Falo ou não falo sobre nós? Será que é o momento certo para tocar nesse assunto? É nos momentos de entusiasmo que ficamos com a guarda aberta. E meu coração, não esperando a razão concluir o que fazer, saiu atirando:

61

_ Então podemos voltar a conversar sobre o meu pedido, uma outra hora, uma vez que já está decidida a permanecer aqui.

_ Pedido? A sim Mário, não pensei nada quanto a seu pedido de namoro porque esses dias foram corridos mas você não acha que está misturando seus sentimentos? Talvez você sinta gratidão, afeto por

mim, que é diferente do sentir amor, paixão.

_ Não, Catarina, não estou misturando as coisas, embora nunca tenha sentido nada por outra pessoa para saber diferenciar. Pelas suas respostas, o não permanece porque você havia se esquecido de nossa conversa. Penso que a sua resposta é o que você sente por mim.

_ Mário, tenho muito carinho por você e a resposta final não é essa que está pensando. Preciso de uma folga para minha cabeça, espera mais um pouco porque agora não vou fugir daqui.

Esperar mais um pouco, além do que já esperei. É fácil resolvermos os problemas de outra pessoa, quando as consequências, a dor, não será eu que vou experimentar, caso não dê certo. Esperar o que? O coração fala ou não fala, sente ou não sente. Esperar faz nascer sentimentos por alguém ou nos faz esquecer? Para saber, vou ter que esperar.

_ Está certo, vou esperar, vou esperar você me dar u ma resposta. Boa sorte na decisão tomada. Até amanhã.

62

Despedindo-me, fui para o quarto como se estivesse indo para o exílio. Sentia medo, vergonha, raiva, vontade de sair correndo.

Atropelei tudo, adiantei demais e mais uma vez fui rejeitado. Carinho, muito carinho por você. Grande coisa. E meu amor por você deixo esperando? Sentado ou deitado para não cansar? Cansar leva a desistir, a esquecer, a substituir. Ela vai pensar e eu também. Vou pensar o que? Se a continuo querendo ou não? Caso ela me responda sim, eu vou dizer não? Vou pensar é nada, eu a quero. Deixarei o tempo passar, só mais um pouco.

63

XV

Os dias se arrastavam. Comemoramos o Natal e o Ano Novo no sítio mas não

me esquecia de Catarina. Embora todos estivessem sor rindo, alegres e brincando, eu sentia a falta de algo, um vazio e não conseguia me soltar completamente.

Os estrangeiros dão a impressão de serem mais frios, mais secos, não se deixam envolver pelo espírito das festas. Não sei se entre eles é diferente.

Durante o tempo no sítio, o trabalho era difícil o ano todo mas quando se aproximava o Natal, nós fazíamos somente o necessário para manter a plantação despraguejada e regada, os animais bem tratados e cuidados, a casa até recebia uma caiação. As pessoas corriam mais, falavam mais. Os presentes, quando algum de nós recebia, era o que necessitava realmente, como um sapatão, uma camisa.

A vida na roça nos leva a uma rotina, que não planejamos nada para o futuro. A partir de minha ida para a cidade, passei a sonhar com novos planos para o ano seguinte. Retornamos no serviço a todo vapor como

se tivéssemos deixado muitas coisas por fazer. No meu setor, as vezes parecia que teríamos uma folga, mas que nada. A expansão continuava, mais materiais, onde as linhas de energia davam a sensação de uma serpente cortando as matas, levando alegria aos logradouros que viviam na escuridão.

64

Essas melhorias, o progresso, começaram a mostrar a diferença entre as classes sociais. As pessoas de maior posse, podiam receber a energia elétrica em suas casas, enquanto as outras continuavam com seu pouco conforto.

No final de janeiro, Catarina foi chamada para um teste no Bansac, no cargo de auxiliar de escritório, sendo aprovada. A alegria tinha contagiado toda a casa, sem que tivesse me atingido.

Procurava deixar o tempo passar para poder ver suas reações, mas parece que nada mudava seus sentimentos em relação a mim. Isso me doía, me irritava, tornava os dias intermináveis e as noites cansativas. Quando ela veio me dar a notícia, não sei explicar o que sentia.

_ Mário, começo dia primeiro no banco. Não é ótimo, você não está feliz por mim?

_ Claro que estou, eu tinha certeza que você conseguiria. Você sempre consegue o que deseja, em compensação eu quero ... Calei- me.

Não poderia continuar o pensamento. Um terceiro não seria mortal para meu coração. O medo também me bloqueava, era melhor me iludir, manter uma esperança. Acredito que ela também percebeu o rumo que a conversa tomava e mudou de assunto.

_ Amanhã estarei demais agitada, ansiosa. Depois lhe conto como será meu trabalho, o horário. Agora somos dois trabalhadores.

65

_ Procure dar o melhor de si e nunca dizer não quando lhe pedirem um serviço. Boa sorte, vou estar torcendo por você.

Deve ter transcorrido uma semana, quando voltamos a nos encontrar. Eu evitava os encontros porque não queria me machucar, não podia correr o risco de num descuido acabar pedindo ela em namoro novamente e, quando eu estava ao seu lado, tudo era possível, porque ela me desequilibrava.

_ Agora eu sei porque você chegava e ia direto para seu quarto. O cansaço é diferente, a responsabilidade de não errar, a concentração nos serviços, cansam a mente. Posso tomar cinco minutos para contar como é por lá?

_ Você acaba se adaptando rapidamente e tudo passa a ser normal. O bom é que em qualquer situação, as pessoas assimilam as mudanças e vira rotina. Pode me contar que também estou curioso.

_ Somos em três moças e dois rapazes fazendo o controle de contas, que estão vencendo no dia ou pagamentos adiantados. Isso até às 15 horas, quando o banco fecha para o público, e até às 17 horas

verificamos quem não pagou e enviamos para o setor de dívidas. As contas pagas tem seus valores somados e encaminhados para o setor de compensação. A CEE é a que mais fatura todos os dias. Nosso trabalho não pode falhar porque se ocorrer um erro temos que ficar no banco até encontrá-lo e, caso não o encontremos, o

66

responsável repõe o dinheiro. Venho para casa almoçar vendo números, a gente não desliga. A noite deitado e é um sono só.

_ E o pessoal é bacana? São muitos empregados?

_ É cedo para se conhecer as pessoas mas até o momento são bons e educados comigo. É lógico que até eu aprender o serviço e estar segura, terão paciência, depois é outra conversa. As pessoas muitas vezes são tolerantes até que não a incomodemos com nosso trabalho. Lá nós devemos ser em torno de vinte pessoas. Não pode ter corpo mole, se não ficamos até mais tarde; enquanto não fechar o caixa do dia, ninguém sai.

_ Deve ser mais ou menos no mesmo sistema da CEE onde o que prevalece é o resultado final: lucro, lucro, lucro. Somos úteis enquanto produzimos, depois não sabemos.

_ Uma das moças, assim que eu estiver prática, irá para outro setor, ficando os dois casais na quitação.

Aquelas palavras foram como se houvesse o chão fugido dos meus pés: “ficando os dois casais”. Uma faísca atingiu meu corpo e não ouvi mais nada do que ela falou. Como ela me influencia me contagia, faz-me bem e mal ao mesmo tempo.

Ela pode ter se interessado por um dos rapazes ou vice - versa, trabalham perto um do outro, se olham, se conversam. Já estou vendo o dia em que chegando ao meu quarto, ela me apresentar seu namorado.

67

Aquele mal estar toma conta, embaralha os pensamentos, prevalece o ruim, muda o olhar e o humor.

_ Mário, você está me ouvindo? Parece tão longe. De repente você perdeu o interesse pelo assunto, ou eu falei alguma coisa de mais?

_ Não, não. E agora, o que falar para disfarçar? Tudo dentro de mim na maior confusão. _ Estava pensando como deve ser difícil de lidar com dinheiro, ainda mais quando não é da gente.

_ O risco maior de erro é nos caixas, quanto a falta de dinheiro. Para nós, é no lançamento dos débitos e créditos; o estorno do valor lançado errado envolve uma papelada danada. Eu e o Beto combinamos em um conferir o serviço do outro, até a Antônia não sair do setor.

Mais uma tempestade interna. Surgiu o Beto, para atrapalhar o meu sono. Acho que vou sonhar com ele. Ela continua a falar e eu, sem dar atenção, estou perdendo a minha luta mental. O que fazer? O que perguntar? Ela conhecer outra pessoa era a minha preocupação.

A sua permanência na cidade arrumando emprego ou indo estudar na capital, a deixaria exposta a outros tipos de pessoas e conversas e novidades, que acaba sendo envolvente. Se existisse algum compromisso entre nós, o risco seria menor. Ou será que a dor da perda seria maior? Tinha que disfarçar o meu estado e ao mesmo tempo descobrir alguma coisa.

68

_ Faz tempo que o Beto trabalha lá?

_ Deve fazer mais ou menos um ano porque ele veio transferido da capital. É um rapaz novo, deve estar com vinte e um anos e mora sozinho, o que ele ganha é para o seu próprio gasto. Além de simpático, é muito atencioso. Até estamos pensando em fazer uma festinha na casa dele para despedida da Antônia do setor, o que é comum, segundo ele, quando as pessoas são promovidas.

Eu já não sabia o que desejar ao Beto, a Antônia, para mim mesmo. Como sou idiota que fica alimentando esperanças de Catarina vivendo em um mundo diferente.

_ Não sei o que dizer porque no meu emprego, quem não é dono, é novo para se aposentar, e sendo todos homens, o contato é mínimo.

_ Eu não penso assim, Mário. As pessoas precisam conversar, manter um certo relacionamento. O Beto parece tão próximo da gente, tão gentil.

Brummm. Um raio me acertou em cheio e me estraçalhou. Essa conversa poderia ser evitada. Nunca poderia pensar que ouvir uma pessoa ser considerada próxima e gentil pudesse causar-me tanto mau. Beto passou a ser meu inimigo sem que eu o conhecesse.

Falamos por mais alguns minutos e fui para o meu quarto, fazer o que não sei porque nem conseguia pensar. Preciso encontrar outro lugar para morar, de preferência

69

sozinho e tentar me igualar a todo rapaz bem de situação. Preciso melhorar o meu salário. Preciso ...

Pela manhã meus olhos ardiavam por causa da noite sem dormir e não havia decidido nada. O meu salário não permitia me dar ao luxo de abusar, era restrito para morar e comer. E como pensar em namorar? O que oferecer?

70

XVI

Tentar mudar a minha posição na empresa para ter uma folga de dinheiro, evitar pensar demais em Catarina para não sofrer, eram as metas iniciais. Depois, voltar a conversar e sem muita demora.

Com o passar do tempo, além das expansões na rede elétrica, havia a necessidade de manutenção nas

existentes, aumentando o trabalho e com isso surgiu uma vaga de almoxarife, pela qual não me interessei na época mas agora vou me candidatar uma vez que é a chance de eu melhorar meu salário.

Com um mês na nova função, pensando em aumentar meus ganhos, propus a divisão do almoxarifado em dois setores, ficando sob a chefia de um encarregado. Como a gama de itens utilizados era bastante diversificadas e o controle era fundamental para o bom andamento dos serviços, a ideia foi aceita, embora a chefia tenha ficado para o funcionário mais velho de serviço. De qualquer forma a mudança de cargo cresceu meu salário em cinquenta por cento.

Fiz cálculos e mais cálculos, daria para alugar uma casa para que eu morasse sozinho mas por outro lado, teria que gastar com móveis, lavar e passar as roupas, fazer comida, deixar de ajudar meus pais. Se quando fui para a cidade, já tivesse arrumado um lugar só meu, teria me sacrificado de

71

início mas hoje estaria acomodado. E provavelmente não teria encontrado Catarina. De uma forma ou de outra, vou aproveitar esse dinheiro e comprar umas roupas melhores e guardar um pouco.

Foi o que fiz. As roupas, como era a mãe dela quem cuidava para mim, Catarina logo veria. Abri uma conta no banco, na intenção de que os depósitos passariam pelas suas mãos.

Os dias se passaram e menos nos encontrávamos. Eu não conseguia saber se meus planos estavam dando resultados. Vivia tão aéreo, com o pensamento voltado somente para uma direção, que nem notei Beatriz, que cansada de tentar chamar minha atenção, precisou cair à minha frente.

Beatriz trabalhava em uma loja de armarinhos, no meu trajeto para o serviço, por onde eu passava no mínimo duas vezes ao dia.

- Olá, como você mudou de uns dias para cá, até o corte de cabelo. Meu nome é Beatriz.

_ Bom dia, Beatriz, meu nome é Mário. Você me deixou sem jeito, nem sei o que lhe dizer.

_ Desculpa, acho que fui muito indiscreta.

_ Não é isso, não. É que dificilmente converso com alguma pessoa fora de meu serviço, que fiquei surpreso.

_ Todos os dias eu acompanho você passar por aqui, que até tenho a impressão que você faz parte do meu dia a dia. _ Foi um prazer falar com você, até amanhã.

72

_ Até a tarde, Mário, no seu retorno.

Gelei, esquentei, fui em frente sem nem olhar para os lados, com meu jeito caipirão. Até que foi bom porque mudei um pouco meus pensamentos. Bonita, deveria ter uns vinte e dois anos, morena. Beatriz. Por que não Beatriz?

Na manhã seguinte só voltei a pensar nela quando a vi abrindo as portas do armário. Procurei antecipar-me:

_ Bom dia Beatriz. Você também parece ser bastante pontual.

_ Bom dia. É sempre bom começar o dia encontrando as pessoas que nos são queridas; o duro é suportar o tempo passar durante a noite até que chegue este momento.

_ Tem razão mas o que se faz após o trabalho, nesta cidade, a não ser esperar o outro dia começar?

_ De vez em quando um papo com minhas colegas mas também é sempre o mesmo assunto. Quem sabe nós poderíamos conversar um pouco, pelo menos os assuntos serão diferentes.

_ Vamos conversar hoje à tarde, propus impulsivamente.

_ Vamos sim, aguardo-lhe aqui.

O dia foi de muito trabalho por ser fechamento do mês, o que me ajudou a não pensar muito no encontro porque talvez eu nem fosse. E quando me vi, já estava ao lado dela.

73

Conversamos um pouco sobre tudo, sem detalhes, sem profundidade, durante quase duas horas. Depois que a deixei, tive a sensação que iria me encontrar com ela no dia seguinte. Terminamos a semana, tendo eu a levado para sua casa

todos os dias e combinamos nos encontrar no sábado à noite.

_ Beatriz, como você está linda. Não diga que é por minha causa porque você deve conhecer a cidade toda.

_ E se eu disser que é por sua causa, não vai acreditar? Você não merece?

Começamos a namorar. Que delícia. Delícia de carinhos, de beijos, de toques, de troca de calor, de excitação. E ela, percebendo minha ingenuidade, abusava de meu controle.

Eu estava apaixonado, acho que estava, porque nem sabia direito o que era isso. Criei novo ânimo, tudo voltou a ser bom. Mas o destino é inexplicável e surge Catarina novamente, toda encantadora, dominante.

_ Mário, perguntei para minha mãe se você havia se mudado daqui porque quanto tempo faz que não nos vemos, não nos falamos?

_ Tudo parece que está correndo e nós temos que correr atrás para não perder o tempo nem a chance. Não coincidiu mais de nos encontrarmos. Ela me enfeitiçava, mexia com meu controle emocional.

74

_ Acho que você está me escondendo alguma coisa. Vi suas roupas novas, chega tarde todos os dias, segundo minha mãe. Pelo jeito me esqueceu e está namorando outra .

Que danada, provocando meu coração, meus sentimentos, pois sabe o que sinto por ela. _ Mais ou menos. Não podemos ficar parados, esperando, esperando. E como a vida, o coração também corre.

_ Puxa vida, nem me deu tempo para pensar.

_ Já faz tempo que você pediu para que eu esperasse sua adaptação no serviço, tempo para pensar nos seus sentimentos por mim.

_ Você sabe como é, pessoas diferentes, aprender o serviço, acostumar o corpo com os horários. O Beto é um homem bonito, atraente, mas me disse indiretamente que não quer compromisso com colegas de serviço.

_ Mas quem perguntou sobre o Beto? A sua preocupação é saber que o Mário está a esperar se o Beto não quiser? Com licença, Catarina, já estou atrasado.

_ Espera aí, Mário, não foi isso que eu quis dizer, você entendeu errado.

_ Tudo bem, mais uma vez eu entendi errado. Outro dia conversamos mais. Saí soltando faíscas para todos os lados, andei até me cansar e fui dormir.

A partir desse dia, Catarina parecia minha sombra. Não sabia que decisão tomar porque eu tinha um carinho muito

75

grande por Beatriz. Deixei o coração decidir. Fui para Catarina.

Conversei bastante com Beatriz, dei-lhe uma desculpa das mais bobas possíveis e dei por encerrado nosso namoro. Mudei meu trajeto até o serviço para não encontrá-la mais. Embora o tempo que ficamos juntos tenha sido pequeno, sentia que ela gostava de mim e a dor do coração machuca demais, eu é que sei. Não queria fazê-la sofrer, nem tão pouco que ela tivesse sentimentos ruins por mim. Não vendo a pessoa, o tempo vai aliviando a pressão.

76

XVI I

Comecei a namorar Catarina como se estivesse nas nuvens, enquanto ela se mantinha indiferente, parecia uma continuidade da amizade que ela tinha por mim, e não amor.

Eu ia buscá-la no banco todos os dias, a tarde, vínhamos de mãos dadas até uma quadra antes de sua casa e depois adotávamos o comportamento de dois amigos que acabaram de se encontrar. Era uma convivência para que realmente concluíssemos se era um ao outro que queríamos, antes de seus pais

saberem sobre o namoro. Essa era a teoria de Catarina.

Eu achava essa situação bastante incômoda mas ainda considerava melhor estar a seu lado do que sofrer. Expliquei que alguém poderia nos ver e comentar com seus pais mas ela fazia de conta que nem escutava.

A gente saía de casa, nos finais de semana, em horários diferentes, para disfarçar e, mesmo estando do lado de quem eu amava intensamente a bastante tempo, parecia-me faltar alguma coisa. Não sei se porque namorar na rua não temos a liberdade de uma aproximação maior, mais intimidade, ou se o amor de Catarina, por ser menos intenso que o meu, acabava ela não me retribuindo como eu esperava.

77

Mas, de qualquer forma, eu estava loucamente apaixonado e me realizava andando de braços dados com ela pelas ruas, expondo sua beleza, sua altivez.

Eu nada enxergava, nada pressentia, inocente, envolvido. Fazia questão de ir buscá-la todos os dias no serviço e me mostrar a seus colegas. Passei a frequentar menos a casa de meus pais, a não me envolver com os problemas da família porque meu tempo era todo destinado a Catarina. Decorridos dois meses, voltei a comentar que deveríamos conversar com seus pais. _ Agora eu acho que podemos conversar com seus pais sobre nosso namoro; não gosto de ficar me escondendo.

_ Para que tanta pressa? Não estamos indo bem assim? Depois de falarmos com eles, vamos acabar ficando em casa de domingo a domingo, sem distração.

_ Não precisamos ficar em casa nos finais de semana, embora distração nesta cidade é ir até a praça comer uma pipoca, conversar com alguns conhecidos, uma vez ou outra.

_ É melhor do que ficar dentro de casa, olhando um para o outro, sem assunto. Vou pensar e não vejo necessidade de precipitar as situações.

Eu cedendo, cedendo, e ela impondo, manipulando-me, era sempre a condição dela. Cheguei a pensar que ela pretendia passar um período comigo, até que o Beto se interessasse por ela. Acredito que somente ficamos juntos porque isso não aconteceu com ele.

78

Um dia na saída do serviço, encontrei-a chateada, nervosa, parecia evitar-me. Procurei saber o motivo e seu humor piorava. Depois de tanto insistir é que resolveu me falar que Beto estava namorando.

_ Vou preparar meus pais para a gente conversar com eles no sábado, acho que agora podemos fazer isso.

A conversa transcorreu normalmente, uma vez que eles já desconfiavam e concordavam. E em nada mudaria a minha permanência no quarto alugado.

Passei a ter sonhos mais envolventes, levando-a para meu quarto, nós dois a sós, nos entregando. Muitas vezes, excitado, comentava com ela meus pensamentos e eu não sentia que o mesmo acontecia com ela. Quando eu tentava alguma carícia mais íntima, ela me impedia, ficando irritada, estragando o resto da

noite.

O coração turva nossos olhos, impulsiona nossos desejos carnavais, bloqueia nosso senso crítico. Não vemos defeitos, toleramos mais, deixamos de viver nossa própria vida.

Mas o que são os defeitos? Nós fazemos as nossas bases, as nossas referências, muitas vezes impostas pela sociedade, e tudo que vai contra esses padrões passam a ser defeitos pessoais.

Falamos sim, quando internamente gostaríamos de dizer não, porque senão vamos magoar, ver cara feia. E assim

79

vamos vivendo nos contrariando, formando um vulcão mental, que afeta tudo, até o respirar.

Uma noite, passeando pela praça, observamos Beto aos beijos com sua namorada, provocando uma reviravolta na minha. Quando me dei conta, estávamos indo com destino a meu quarto.

Ela começou a chorar e, abraçando-me, deixou que a acariciasse mais intensamente. Foi um sonho, beijei-a ardentemente, toquei seus seios, alisei suas pernas lindas e macias.

Eu tremia todo, sem saber o que fazer, até onde ir, sem saber se ela estava se entregando e eu poderia ir mais além. Era minha primeira experiência. O medo passou a ser maior que o desejo. Quando ela deu um basta, estávamos os dois seminus, totalmente excitados e preocupados com os gemidos que pudéssemos ter dado, porque naqueles segundos nada ouvimos, o mundo lá fora não existia, era somente uma deusa em meus braços, sussurrando, gemendo.

Não sei o que faltou para que tivéssemos concluído uma relação sexual, talvez minha inexperiência. Acredito que algum barulho na rua ou no quintal a tenha trazido à realidade. Como parece que depois daquele dia Catarina se tornou

mais ardente, a demonstrar sua excitação, assim que surgia uma oportunidade segura, ficávamos em meu quarto trocando carícias e mais carícias.

80

Fomos nos entregando ao amor, até que acontecesse nossa primeira relação. Um acontecimento sem palavras, uma viagem ao infinito, com direito a todos os sonhos e explosões. Chegamos ao êxtase sem que nada nos interrompesse, sem pensar em nenhuma consequência.

Meu quarto passou a ser nosso ninho, nosso refúgio, e conforme vamos vivendo intensamente um sonho, passamos a considerá-lo real, sem tomar os devidos cuidados. A mãe dela desconfiada, passou a nos vigiar mais de perto, até que nos flagrasse.

_ Mas mãe, estávamos somente conversando, que mal há nisso? Não temos onde ir passear.

_ Nada justifica ficarem os dois sozinhos nesse quarto. Adivinhar o que estavam fazendo e quantas vezes

já estiveram aí sozinhos, não posso. Parou, observou-nos e tornou a falar:

_ Parem para pensar no que fizeram e no que irão fazer. Vou querer saber antes de falar com o seu pai, você o conhece muito bem. A pior coisa do mundo seria trair a confiança que ele deposita em você.

_ A senhora também me conhece muito bem e sabe que sou sincera. Nada de mais aconteceu e eu ainda não sei se é a hora de decidir alguma coisa porque nem meu coração a inda decidiu o que quer.

A resposta que ouvi foi inesperada, assustando até sua mãe. Não era isso que ela demonstrava no meu quarto, em minha cama, nos meus braços. Será que era tudo simulado,

81

tudo fantasiado? E sua virgindade, sua honra, nada tinha valor? Como alguém pode se entregar sem nenhum sentimento? Será que a excitação nos eleva a tal ponto que anula nossos conceitos, nossos padrões morais, será que anula nosso amor próprio?

Passamos vários dias conversando sobre nossos sentimentos, qual seria a explicação a dar para sua mãe e quanto mais conversávamos, menos eu compreendia seu coração. Meu quarto nunca mais frequentou. Em uma tarde, retornando do seu serviço e demonstrando ter chorado, disse:

_ Embora você não me entenda, poderíamos dizer a minha mãe que vamos noivar e com isso diminuímos sua preocupação.

_ Você sabe que a amo demais e por mim marcava o casamento hoje mesmo mas sinto que sua ideia é só para encobrir o problema e não porque quer ficar a meu lado.

_ As coisas não são bem assim, Mário. O tempo acabará me aproximando de você, temos nos relacionado bem, tenho lhe dado atenção. Não queira que meus sentimentos mudem rapidamente.

82

XV III

Noivamos,

numa

reunião

bastante simples com a presença dos parentes mais próximos e, diante da pressão de seus pais, marcamos uma provável data do casamento, dentro do período de um ano e meio.

Acredito que a mãe de Catarina tenha conversado com seu pai e com receio de que alguma situação constrangedora pudesse envolver sua filha, aproveitaram a situação para que definíssemos uma data. Catarina mostrava-se muito contrariada, o que era o contrário comigo.

Nesse intervalo eu iria providenciar uma casa, móveis e tudo o que fosse necessário. Passava dias sem dormir, programando o que precisava fazer pois só dispunha do horário do almoço para resolver todos os preparativos.

Estava alugando uma casa com dois quartos porque se ela recebesse alguma visita, teria onde acomodar. Não sei para que pois não conhecíamos ninguém que pudesse nos visitar e pernoitar. Encontrar a casa foi uma dificuldade porque deveria estar bem localizada e ter os cômodos a seu gosto. A casa precisava ser pintada, reparos hidráulicos na cozinha e banheiro e uma boa faxina no quintal.

Os móveis só fomos encontrar do seu gosto na capital e a festa de casamento acho que seria mais imponente que da rainha Elizabeth.

83

Eu me encontrava numa roda viva, que não me dei conta de quanto tudo isso custaria, tanto pessoal como financeiramente. Fui me envolvendo de corpo e alma, sem dar atenção aos detalhes da vida.

O salário era sempre o mesmo, sem perspectiva de promoção tão cedo, ficava acumulando despesas, todas quitadas com amor, com o amor que eu tinha de sobra por Catarina, e sobrava tanto que enuviou meus olhos e cérebro. Tivemos tantas discussões sobre a cor da tinta, o tamanho do guarda-roupas, quantas molas deveria ter o colchão. Só não tivemos mais contatos íntimos. A correria não deixava ela descansada.

Os dias se passavam como um raio de sol, aproximando rapidamente o dia do casamento.

Catarina estava linda, uma beleza estonteante. A igreja se calou, o único som era de seus passos. Todos queriam admira-la. Estremeci completamente, procurando forças para permanecer em pé, quando seu pai passou-a para meu braço. Abraços, beijos, festa, sorrisos, choros de alegria, felicidades muito amor Florianópolis, lua de mel de três dias, para onde fomos de automóvel alugado.

Três dias de puro relaxamento, de amor, carinhos e carícias. Seu corpo me fascinava e fascinado, desejava-a todo instante. Seus seios duros, seus mamilos pontudos, suas coxas

84

torneadas, a penugem em suas nádegas, tudo nela me endoidecia.

_ Precisamos sair desse quarto e conhecer a cidade senão o que vou dizer para minhas amigas, que não conheci nada?

_ Eu proponho que a gente saia para conhecer o centro, o comércio, jantamos em algum restaurante e

_ Chega, eu já estou com enjoo de homem. Só vamos fazer amor daqui a um mês.

Ela mesma não se aguentou e riu. Riu porque sabia que existia desejo entre nós dois e não suportaríamos tanto tempo. Fim da temporada no paraíso, fomos para nossa casa organizar o início de vida em comum. Recebemos a visita de nossos pais, alguns amigos e estávamos prontos para vivermos nossos sonhos.

Começamos economizando para saldar as dívidas, que tomariam em torno de oito meses dos nossos salários. Esse compromisso causou-me aborrecimentos porque, para honrá-lo, tivemos que deixar de sair vários finais de semana, não comprar alguma roupa que ela tenha gostado. O final de semana ia se aproximando e eu já me sentia incomodado.

_ Mário, você não vai me levar sábado para aquele passeio lindo pelo campo, na casa de seus pais?

_ Eu preciso ir até lá porque meu pai não está bem de saúde, você sabe disso. Se você tiver um outro programa que queira fazer, podemos ir.

85

_ É sempre assim, com desculpas e procurando me comover. Se não é na casa de seus pais é na dos meus. Dinheiro não temos para ir a lugar algum.

_ Fala onde você quer ir e vamos pensar. Depois procuro saber como andam as coisas com o velho.

_ Pensar, pensar. É só o que você faz, pensar, se é que pensa. É preciso agir.

_ O que você quer que eu faça, Catarina? A gente sabia que seria assim no começo.

_ A gente sabia que amor não enche barriga, mas não pensei que seria tanta economia. Se eu imaginasse que casar com você seria essa droga, continuaria em minha casa. Você não consegue sair do lugar e melhorar.

Pronto. O final de semana, como tantos outros, já estava encaminhando para uma bela discussão.

Eu já estava sentindo que meu chefe iria me mandar para o meio da mata implantar postes porque assim ficaria longe e não viveria pedindo aumento, ou iria para o olho da rua.

O problema do meu pai evoluiu de forma rápida e em poucos dias veio a falecer. Os dias entre seu agravamento e sua morte foram terríveis para mim porque não sabia se cuidava de meu pai, de minha mãe ou fazia companhia para Catarina. Estava dividido, partido. A vida nos testa o tempo todo, exigindo calma, humildade, fazer de conta que não viu nem ouviu.

86

_ O Beto vai ser pai, talvez mesmo antes de se casar. Você não pensa nisso?

A guerra dos cem anos havia reiniciado. Se fosse dos cem dias até que seria bem mais fácil suportar.

_ Catarina, ainda não conseguimos equilibrar nossas contas, a morte de meu pai acabou mudando nossa programação, não conseguimos sair para lado nenhum e você está pensando em ter um filho?

_ Eu sou mulher e sonho em ser mãe. O Beto não precisou esperar acertar as contas ou a vida do pai dele. Foi atrás da felicidade deles .

_ O Beto é isso, o Beto é aquilo. Parece que você não pensa antes de falar. Você sabe que comparações machucam? _ Você machucado? Sempre passou a imagem de macho, de forte. Acho que a força foi toda para seus braços e faltou em outro lugar.

Eu a amava demais e a tudo relevava. O coração se contorcia, a cabeça explodia e eu não me alterava, engolia a mágoa.

Quando estamos com alguma questão pendente, parece que ela fica estampada em nossa testa, piscando colorida, para que todos leiam. Decidiram que eu deveria ser pai, o outro queria ser avô, apareceram os tios, os padrinhos, ... Que coisa incrível. Conforme os dias iam se passando, mais aliados Catarina conseguia e minhas balas de justificativas iam se acabando.

87

Comemoramos um ano, dois, três, de casados, uma coleção enorme de discussões, muitas noites mal dormidas e o filho, nada. Algo estava errado e, sem dúvida alguma, era o meu pinto, cúmplice de meu saco.

_ Mário, porque você não procura um médico, bom, e resolve logo esse problema?

_ Para você, só eu sou o problema. Vou procurar um médico. Você considera que um filho vai resolver tudo em nossa vida mas acho que o problema maior é eu te amar demais.

Nesses três anos acumulei muita mágoa, muitas palavras gravadas no coração. Não sei o porquê disso, ou melhor, sei sim, é o amor que ela não sente por mim. Eu era consciente que o amor que ela tinha por mim era como para um irmão, como para um grande amigo mas aceitei, concordei, na esperança que no convívio, nas dificuldades, ela passasse a me amar. Eu achava.

A cada dia as agressões verbais eram mais fortes. Eu ia aos poucos me modificando, muitas vezes maltratando outras pessoas, para poder extravasar meu rancor.

Consegui uma folga para uma consulta médica em Alto da Serra. Fiz todos os exames e nada foi constatado que me impedissem de ser pai. Como a cobrança por um filho recaía somente sobre mim, pedi para meus pais e os de Catarina convencê-la a também fazer alguns exames para verificar se

88

tudo estava bem com ela. O problema, como sempre, era e em mim. O médico que me consultou não era dos melhores.

De tanto ouvir que eu era incapaz de dar-lhe um filho, que eu era fraco, passado mais de um ano, consegui engravidá-la, sem que ela tivesse feito qualquer consulta médica. Iniciamos mais uma vez os preparativos, agora para a chegada do bebê: roupinhas, berço, quarto.

Os quatro primeiros meses de gravidez foram normais mas a partir do quinto, tudo iria se modificar. Catarina passou a sentir muitas dores, as vezes com sangramento. Como o médico que a acompanhava

consultava somente duas vezes por semana na nossa cidade, era angustiante aguardar seu retorno.

Aparentemente a criança se desenvolvia de forma normal mas Catarina decaia a cada dia, com fraqueza, tonturas e enjoos. Foi afastada de seu serviço e arrumei uma pessoa para acompanhá-la em casa. E com isso os gastos só aumentavam.

Em meados do sexto mês, o médico suspeitando que Catarina estivesse com uma anemia muito avançada, sugeriu que ela fosse interna em Serra do Alto para fazer exames e ter um tratamento mais adequado.

Depois de muita conversa e discussão, tendo que toda a família participar, consegui convencê-la. Ficava o tempo todo a seu lado, indo poucas vezes à casa de minha irmã.

89

Eu sentia desespero em tudo que acontecia, se ela respirava mais forte ou mais fraco, se a enfermeira demorava a trazer os remédios, se a comida estava certa.

Como o tempo custava a passar e sem ter o que fazer, passei a me sentir culpado por aquela situação. Deveria ter condicionado sua gravidez após seus exames, poderia ter me afastado do serviço para acompanhá-la mais de perto. E cada vez que a olhava, tinha a sensação que era isso que seus olhos me diziam.

Um dia boa, outros dois a três debilitada. Sentia-me impotente por nada poder fazer. Era o grande e único amor de minha vida, a mulher para quem dediquei tudo dentro de mim, agora ali na minha frente prostrada, pálida, imóvel, sem qualquer reação.

Estou sofrendo neste quarto de hospital as consequências de ter cedido tanto. Nem para gerar um filho eu sou capaz. O seu olhar me condena, a sua dor passa para mim toda vez que ela respira. Voltar é impossível, desfazer já não dá mais tempo.

O que será de mim sem ela, sem sua presença? Para onde ela for, irei também porque tudo que tenho feito na vida, é em sua função. Eu não enxergava mais nada, os maus pensamentos ocupavam meu coração. Os dias eram longos e as noites intermináveis.

90

Saí do vazio em que estava com o barulho de vozes no quarto. O dia não tinha clareado e o médico já estava fazendo sua visita rotineira?

_ Bom dia, Mário. Estivemos reunidos para analisar o quadro de Catarina e decidimos realizar uma cesariana agora, embora não tenha completado todo o período da gestação.

_ Por que doutor? Ela parece bem melhor, falei ainda sonolento.

Estava mentindo para mim mesmo. Não queria correr o risco de perder a criança depois de tanto sofrimento. Estava vivendo aquela situação já fazia vinte dias.

Como seria minha vida sem que tivesse realizado um desejo de Catarina? E as marcas que ficariam nela, de uma gravidez terrível, tanta dor, tantas lágrimas? O que iria completá-la caso ocorresse alguma coisa com a criança?

_ Mário, as condições dela e da criança pioram a cada dia. O risco da cirurgia existe mas precisamos preservar a vida da mãe.

_ Precisa ser hoje? Não seria bom ver a opinião dela?

_ Nós já estamos com a sala de cirurgia preparada. Você sabe que ela está nos ouvindo e devemos aliviá-la da dor. Prolongar seu sofrimento é antiético e egoísmo de nossa parte. Faremos de tudo para preservar as duas vidas.

O médico retirou-se e junto com ele foi meu coração. Não consegui chorar, pensar, havia o nada. Alguns instantes

91

depois estavam levando Catarina. Até hoje seu olhar, deitada naquela maca, acompanha-me.

Não sei se me perdoando ou se pedindo desculpas; não sei se me acusando ou me absorvendo. Linda, como só ela sabia ser, com seus olhos marejados, um quase sorriso, fiquei sem saber o que fazer.

Os minutos eram como uma marreta a cair sobre minha cabeça, e partida, deixava escorrer sobre meus olhos tudo que vivi, tudo que vivemos, escorria a dor que sofri até tê-la, a dor para mantê-la a meu lado.

Cada passo que ouvia no corredor, aguardava sobressaltado, com os olhos arregalados, e não era comigo. Meu coração se fundia no meu peito.

Perdi a noção do tempo. Já haviam se passado dez, doze horas e nada de Catarina surgir na porta do quarto com nosso bebê.

Mas que nada. Depois de uns sessenta minutos caiu em minha frente um monstro, todo de branco, disfarçado de anjo, pálido como a morte.

_ Mário, a situação não é nada boa. Não é fácil lhe comunicar mas tudo que era possível, fizemos.

_ Catarina, como está? E o bebê, é menina ou menino? Se for menina, Catarina vai passar a vida venerando. Fala doutor.

_ O recém-nascido é uma menina mas não foi possível salvá-la.

92

_ Como pode deixar minha filhinha morrer? Eu tremia dos pés à cabeça, tinha a impressão que o chão balançava, estava sumindo.

_ Catarina nunca irá me perdoar, era tudo que ela mais queria e não fui capaz de lhe dar.

_ Entendemos que é difícil a perda mas a criança apresentava inúmeras deficiências congênicas.

_ A culpa é toda minha. Não sei nem fazer um filho perfeito.

_ Depois conversaremos com você e sua esposa sobre isso. A nossa preocupação agora é com ela pois seu estado é bastante preocupante. Ela está com uma infecção muito grande e por estar debilitada, não reage com os remédios que estamos ministrando.

_ Doutor, além de perder minha filhinha, o senhor quer também me deixar sem Catarina? Eu prefiro morrer no lugar delas.

Eu acreditava ter sonhando essas cenas enquanto esperava uma notícia. Ela estava fraca, é claro, mas sempre foi uma moça saudável, alimentava-se bem. A gravidez foi complicada, correndo riscos de perder a criança mas tudo isso foi superado. Volta outro monstro de branco para interromper meus devaneios.

_ O senhor precisa tomar as providências quanto ao corpo de sua filha. Sua esposa vai voltar para o quarto depois da fase de observação e não poderá receber visitas.

93

Quais visitas ela vai receber? As únicas pessoas que poderiam vir seria a minha irmã, ou seus pais, que já estão velhos e nem imagino como dar a notícia. Como as pessoas são ruins e vivem atrapalhando nossos sonhos.

Não sabia o que fazer, por onde começar. Sepultar a criança na cidade, ficaria longe para prestarmos nossas homenagens; para ir até Serra do Meio, eu gastaria muito tempo e deixaria Catarina sozinha.

Procurei minha irmã chorando, arrasado, e concluímos que deveríamos fazer um sepultamento provisório e depois que Catarina deixasse o hospital, transferir o corpo.

Saímos em disparada pelas ruas para que as providências fossem da forma mais rápida possível e, retornando ao hospital para pegarmos o anjinho, tudo acabou. Surgiu um abismo e não lutei para me livrar dele,

atirei- me.

Fui encontrar-me sentado ao lado de dois corpos, inertes, frios, o cheiro de flores misturado com o de parafina derretida, no meio da sala de minha casa.

Eu não conseguia e nem queria olhar para as pessoas. Qual rumo adotar agora que estou no epicentro do maremo to?

94

X IX

Hoje caminho com o olhar distante, com a paisagem me penetrando para que as recordações não encontrem espaço dentro de mim.

Perdi o gosto pela vida quando tudo que eu mais queria me deixou. Não me cansei para saldar as dívidas, não retruquei os comentários, procurei castigar meu corpo para que esgotado eu logo dormisse, procurei encontrar alguma palavra de amor pronunciada por Catarina, mas não encontrei nada dentro de mim. Todo o tempo ela imperou, mandando, estabelecendo o que lhe convinha. Eu submisso, aceitando suas condições, seus gostos.

Vivia sempre com dívidas, gastando o que não tinha para amenizar os motivos das brigas, mas sempre haveria um para que eu fosse humilhado, comparado, testado, rebaixado. Nunca tive a minha opinião, meus gostos.

Sozinho, desesperado, o barco à deriva, tudo contra mim... tive que lutar muito contra a tristeza, a solidão dominando os espaços, os pensamentos ruins que surgiam sempre. O sorriso desapareceu, os sonhos frustrados.

Ainda acordo no meio da noite e vejo sua imagem pela casa. Vou seguindo a vida, caminhando...